



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA APLICABILIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O uso de poemas de autores afrodescendentes, proposta desenvolvida no 1º ano do ensino médio da Escola Wady Fiquene (CAIC).

Itapecuru-Mirim/ MA

2017

Sousa, Rosinete Santos da Conceição.

Desafios e possibilidade na aplicabilidade da literatura afro-brasileira: proposta desenvolvida no 1º ano do ensino médio Caic / Rosinete Santos da Conceição, Luiciery Oliveira. – Itapecuru- Mirim, 2017.

? f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Campus de Itapecuru – Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Profa. Esp. Katiana Oliveira.

1. Literatura. 2. Sociedade. 3. Escravos. 4. Obras literárias. I. Oliveira, Luiciery. II. Título.

CDU 821.134.3(81):373.5

**LUICIERY OLIVEIRA DOS SANTOS
ROSINETE SANTOS DA CONCEIÇÃO**

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA APLICABILIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O uso de poemas de autores afrodescendentes, proposta desenvolvida no 1º ano do ensino médio da Escola Wady Fiquene (CAIC).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção de grau de Graduada em Letras.

Orientador: Prof.^a Katiana Oliveira dos Santos

Itapecuru-Mirim/ MA
2017

**LUCIERY OLIVEIRA DOS SANTOS
ROSINETE SANTOS DA CONCEIÇÃO**

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA APLICABILIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O uso de poemas de autores afrodescendentes, proposta desenvolvida no 1º ano do ensino médio da Escola WadyFiquene (CAIC).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção de grau de graduada em Letras.

Orientador: Prof.^a Katiana Oliveira dos Santos

Aprovado em ____/____/ 2017

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos (1º Examinadora)

Prof.^a Esp. Maurílio Barros Cardoso (2º Examinador)

Prof.^a Esp. Jarlisson Sebastião Araújo da Silva (3º Examinador)

AGRADECIMENTOS

Rosinete Santos

Agradeço a Deus pelas bênçãos derramadas em minha vida, durante todo este percurso;

A meus pais biológicos, Argemiro da Conceição e Maria de Lourdes Santos, que não existiria se não fosse ambos;

Aos meus pais adotivos Raimundo Júlio Fonseca e Marluce Mendes Santos, que foram alicerce da construção desta pessoa que sou hoje, pois todas as condutas morais e éticas que tenho, foram projetados por eles que sempre estiveram estimulando na conquista dos meus objetivos;

As minhas filhas Fabricia Rafaelly e Fernanda Rayssa que são tudo para mim;

Ao meu esposo Francivaldo Guimaraes que é um grande incentivador, companheiro e meu porto seguro quando diz respeito ao cuidado com nossas filhas, embalando-as todas as noites quando estava na Uema.

Luiciery Oliveira

Á Deus por ter me dado força, saúde e estabilidade;

A minha mãe e meu pai por terem me ajudado desde o início com todos os meus projetos e sonhos sendo responsáveis diretamente por todas as realizações que tive em minha vida até hoje;

Meu irmão, Jerzy Rennardiery que sempre me apoia em meus projetos e sonhos me instigando sempre a ir buscar novos horizontes;

A Laysse Montelo por seu companheirismo, amizade e dedicação, por sempre estar disposta a me ajudar e não me deixar desistir.

“Aqui e ali, conforme diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e se transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.”

(Octavio Ianni)

RESUMO

Ao relatar o processo do negro na construção da sociedade brasileira, percebeu-se sua importância também na literatura, pois, suas colaborações serviram para a compreensão de sua identidade, cultura e costumes. O negro passou por muitas humilhações até poder usufruir da liberdade que possuía por direito o que, de fato levou a criação de lutas, movimentos e revoltas. Com o fim da escravidão e o passar do tempo, a sociedade brasileira cresceu em um mundo de diversidade e várias culturas, onde o negro foi o grande responsável pela geração de riqueza do país através de suas mãos. O preconceito e o racismo é algo bem antigo proveniente das consequências do período escravagista. Durante essa época os negros não possuíam vez e nem voz, sendo obrigados a longas jornadas exaustivas de trabalho, porém a sociedade foi se modificando até finalmente chegar ao fim da escravidão e o negro poder usufruir da liberdade que lhes foi roubada. Contudo, o período escravagista ficou marcado por poemas, poesias, obras literárias de autores afrodescendentes que nasceram livres, na qual buscaram expressar através dos textos seu olhar crítico sobre a sociedade da época. Com base nesse estudo percebeu-se que os jovens do século XXI, especialmente os alunos do ensino médio não possuem nenhum tipo de conhecimento sobre obras literárias de afro-brasileiros, mesmo que exista lei que obrigue o ensino do tema nas escolas públicas e particulares do Brasil.

Palavra- Chaves: Negro. Literatura. Sociedade. Escravos. Obras Literárias.

ABSTRACT

In reporting the process of the black in the construction of Brazilian society, his importance was also noticed in literature, because his collaborations served to understand his identity, culture and customs. The black went through many humiliations until he could enjoy the freedom he had by right which in fact led to the creation of struggles, movements and revolts. With the end of slavery and the passage of time, Brazilian society grew up in a world of diversity and cultures, where the black was responsible for generating the country's wealth through his hands. Prejudice and racism is something very old from the aftermath of the slavery period. During this time blacks had no time and no voice, and they were forced to work long hours, but society was modified until finally the end of slavery and black people were able to enjoy the liberty that had been stolen from them. However, the enslavement period was marked by poems, poetry, and literary works of Afro-descendant authors who were born free, in which they sought to express through the texts their critical eye on the society of the time. Based on this study, it was noticed that young people of the 21st century, especially high school students, do not have any knowledge of Afro-Brazilian literary works, even though there is a law that obliges the teaching of the subject in public and private schools. Brazil.

Key-words: Black. Literature. Society. Slaves. Literary works

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DIÁSPORA AFRICANA	11
2.1 A chegada do negro no Brasil	13
2.2 A trajetória do negro no Brasil	17
2.3 Cultura e Identidade	21
3 LEI 10.639/03	24
3.1 Lei nº 4.673/06 de 09 de novembro de 2006	27
3.2 Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008	28
4 AUTORES AFRO-DESCENDENTES	30
4.1 Cruz e Sousa	32
4.2 Luís Gama	34
4.3 Gonçalves Dias	34
4.2 Maria Firmino	35
5 METODOLOGIA	37
5.1 Análise dos Dados	38
5.2 Aplicabilidade da Proposta	38
6 RECURSO PARA O ACESSO AO CONHECIMENTO	39
6.1 Conhecimento Extra-Classe	39
6.2 Bibliotecas Publicas ou Escolares	39
7 PESQUISA APLICADA NA ESCOLA CAIC COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO SOBRE O USO DE POEMAS DE AUTORES AFRODESCENDENTE	41
7.1 Gráficos de Dados	41
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERENCIAS	
APÊNDICE	

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1-Você conhece a lei nº 10639/03 que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira? Comente.....	41
GRÁFICO2-. Você já ouviu a expressão “literatura afro-brasileira” ou “literatura negra”? Justifique	42
GRÁFICO 3.- Você conhece alguma obra afro brasileira? Justifique	42
GRÁFICO 4.- É realizado este ensino nesta instituição?	43
GRÁFICO 5.- Há dificuldade encontrada pelo professor em lecionar a literatura afro-brasileira? Discorra.	44
GRÁFICO 6.- Existe material didático para ensino da literatura afro-brasileira? Justifique.	44
GRÁFICO 7.- Há nesta instituição algum projeto voltado para o ensino da literatura afro-brasileira? Comente.	45
GRÁFICO 8.- Em sala de aula há interdisciplinaridade entre a literatura afro-brasileira e as outras disciplinas? Justifique.	45
GRÁFICO 9.- Há alguma rejeição quanto a aquisição do conhecimento no tocante a literatura afro-brasileira? Comente.	46
GRÁFICO 10.- Existe alguma contribuição do ensino da literatura afro-brasileira na construção da identidade cultural? Comente.	46

1 INTRODUÇÃO

De modo geral, a escravidão trouxe para o Brasil uma diversidade cultural rica em diversos conhecimentos presentes na música, dança, comidas típicas e outras manifestações.

A diáspora, africana, foi um fenômeno caracterizado pela imigração forçada da população africana para outras regiões do mundo. Fome, guerras, doenças, escravidão, foram apenas alguns dos motivos que levaram a essa constante imigração. O processo também é distinguido pelas trocas de culturas entre diversas sociedades, principalmente durante o período escravagista. O negro sempre foi o detentor de uma história sofrida e triste na história do Brasil, pois, eram retirados de suas casas, acorrentados em navios, transportados como animais e os que sobreviviam, viveriam como escravos até sua morte. Por muito tempo essa era a rotina dos negros em solo brasileiro, porém os mesmos não esqueceram seus traços culturais presentes na música, religião, culinária, e nas manifestações literárias.

A história do negro no Brasil começou a ser introduzida a partir da chegada dos primeiros escravos em território brasileiro. De fato, é impossível abordar sobre a literatura afro-brasileira sem antes mencionar a trajetória do negro até a conquista literária. Para que, o negro pudesse possuir vez e voz dentro da nova cultura inserida, a abolição era somente mais uma etapa, deveria ser reconhecido pela capacidade intelectual de ler, escrever, criar e interpretar.

Muitas lutas foram traçadas para que, o negro fosse reconhecido como um ser intelectual capaz de realizar as mesmas atividades que um homem branco. Após muitos movimentos, algumas leis foram criadas com o propósito de acabar com o preconceito e o racismo diante dos povos negros e indígenas.

A miscigenação, trouxe a descoberta de autores afrodescendentes influentes na literatura, como Cruz e Sousa, Luís Gama, Gonçalves Dias, Maria Firmino entre outros que provaram que mesmo sendo mestiços, possuem uma grande capacidade intelectual voltada para a área literária.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos, nos quais abordam desde a diáspora Africana até os autores afrodescendentes, passando por uma pesquisa de campo sobre a aplicação da literatura afro-brasileira na escola CAIC.

2 DIÁSPORA AFRICANA

A diáspora Africana é um fenômeno sociocultural, onde as pessoas pertencentes a uma região são forçadas/obrigadas a sair de seu local de origem para um “mundo” completamente diferente do que, estão acostumados. O termo surgiu no período da escravidão, onde os negros africanos eram forçados a deixar seu país e serem vendidos como mercadorias/escravos.

O período da diáspora Africana corresponde ao início da Idade Moderna e o final do século XVIII, justamente a época em que os negros eram vendidos e escravizados para países como o Brasil.

O continente africano possui 55 países distribuídos em 30.370.000 km², com grandes savanas, o famoso Rio Nilo, animais exóticos e uma flora bem característica da região, porém é marcado pelas guerras, fome, miséria, desnutrição e doenças mortais como a AIDS. Durante o período escravagista, muitos negros foram separados brutaemente de suas famílias e parentes sendo obrigados a viver de forma submissa ao homem branco.

“Empilhados nos porões, recebendo poucas rações de comida e de água, era natural que o morticínio fosse acentuado. Perdia-se, invariavelmente, 10% da carga, na melhor das hipóteses, e casos houve em que morreu a metade dos indivíduos transportados. Amontoados no porão, quando o navio jogava, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro, para beber um pouco desse ar lúgubre que se escoava pela estilha gradeada de ferro.” (MACEDO, apud. MARTINS, 1974, p. 29)

Segundo Martins, os negros que eram forçados a deixarem sua terra dormiam em porões de navios, escuros, úmidos, recebendo migalhas de comida e água. Os considerados mais fracos ou debilitados por causa da viagem acabavam morrendo e ali permaneciam até seus corpos serem retirados e jogados ao mar. A ganância humana em tratar de forma covarde semelhante provocou diversas mortes.

“Apesar de, no início do século XIX, as condições das embarcações terem melhorado um pouco, comparando-se com os séculos anteriores, pois passaram a contar com a presença de ao menos um cirurgião-barbeiro, de capelães, de uma botica, além da separação entre homens e mulheres, as viagens continuavam sendo muito penosas, com porões superlotados de africanos, que se apertavam para conseguir dormir durante meses sobre o chão duro. Eles passavam quase todo o tempo acorrentados e, no momento do embarque, ou ainda nos barracões costumavam ter o corpo marcado a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários”. (MATTOS, 2007, p. 100)

De acordo, com MATTOS, se não fosse o bastante as péssimas condições de viagem que recebiam, ainda passavam a maior parte do tempo acorrentados, sem poder ao menos movimentar os membros inferiores. A diáspora africana durou quase quatro séculos de sofrimento para os negros, pois, os portugueses lucravam valores altíssimos com o comércio de escravos.

Enquanto viviam em seu país de origem, os negros possuíam água, comida, um local para dormir, caçavam, pescavam e principalmente tinham o direito de ir e vir, a tal liberdade. Assim que desembarcavam no Brasil, membros de seu corpo eram ferrados com as iniciais de seus novos donos. Nas fazendas também havia a prática da deformação, como cortes em orelhas, esmagamento de dedo, amputações, marcas a ferro quente e etc.

“O reconhecimento social da prática dos castigos de escravos, no entanto, esbarrava na questão da justiça e da moderação, pois somente aplicado nessas condições corresponderia ao que dele se esperava: a disciplina e a educação. A punição injusta e excessiva provocava, por seu turno, descontentamento e revolta. Punir o escravo que houvesse cometido uma falta, não só era um direito, mas uma obrigação do senhor. Isso era reconhecido pelos próprios escravos, mas não quer dizer que os castigos eram aceitos, ou seja, por intermédio dos castigos, caberia a tarefa de educar seus cativos para o trabalho e para a sociedade” (LARA, 1988, p. 116).

Para a sociedade da época era obrigação dos senhores de escravos educá-los conforme as leis e com isso os castigos físicos eram apropriados e aprovados, como mostra a citação acima. As várias punições aos olhos da sociedade eram consideradas justas e de exemplo aos outros escravos.

Depois de muitas lutas, dores, sofrimentos, castigos cruéis e sendo obrigados a deixarem seu país de origem, a escravidão chegou ao fim, após quase quatro séculos. No dia 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea que libertou todos os cativos escravizados no Brasil.

Após esse episódio, a diáspora Africana chegou ao fim e os negros obtiveram o direito de ser livres em território brasileiro e puderam permanecer em seus países de origem (aqueles que ainda habitavam-nos), sem ameaças de portugueses, navios negreiros, travessia no Atlântico ou qualquer outra forma de imigração forçada.

Hoje em dia, os negros são os grandes responsáveis pela construção social e étnica brasileira, onde sua cultura e costumes são praticados diariamente entre os brancos.

2.1 A chegada do Negro no Brasil

A chegada do negro no Brasil não se resume apenas a escravidão vivenciada por eles, antes desse triste episódio, os negros já haviam possuído “contato” com os europeus (ressaltando os portugueses), através das aventuras constantes nos mares que possibilitou a formação do Brasil como um país cheio de etnias e cultura. Para que, se entenda toda a trajetória da chegada do negro em território brasileiro se faz necessário conhecer o motivo pelo qual a África se tornou um dos principais centros dessa história.

Quando os europeus chegaram no território africano pela primeira vez no século XV, se depararam com costumes e culturas totalmente diferentes da realidade que viviam. A organização social e econômica da África girava em torno de parentescos familiares, ou seja, o lugar social que a pessoa devia ocupar dependia do grau de parentesco com o patriarca. Na antiga África havia impérios poderosos, com uma economia alta para a região, como o império Mali ou reinos bem consolidados como o Kongo, pequenas aldeias e grupos nômades que se mudavam sempre quando era necessário.

Nessa mesma África era comum que a expansão de reinos, migração de povos, trânsito de caravanas de mercadorias, disputa pelo Rio Nilo e controle de estradas ou rotas, provocavam guerras entre povos e subjugação. Essas guerras submetiam o perdedor a um tipo de escravidão doméstica, onde existia a escolha de alguns guerreiros vencidos para o trabalho na agricultura familiar. No caso da escolha feminina, as mulheres eram usadas para a reprodução, ampliando o grupo. A penhora, rapto individual, troca e compra eram apenas uma das maneiras da pessoa se tornar escravo.

A história da escravidão africana não começou em solo brasileiro, os povos da África já praticavam tais atos, porém sem castigos físicos ou trabalhos pesados. Os portugueses se apropriaram indevidamente dos costumes de um povo, para escravizá-los de forma cruel e desonesta.

“A escravidão doméstica, de pequena escala passou a conviver com o comércio mais intenso de escravos. A escravidão africana foi transformada significativamente com a ofensiva dos muçulmanos. Os árabes organizaram e desenvolveram o tráfico de escravos como empreendimento comercial de grande escala na África. Não se tratava mais de alguns poucos ativos mais de centenas deles a serem trocados e vendidos, tanto dentro da própria África quanto no mundo árabe e posteriormente no tráfico transatlântico

para as Américas inclusive para o Brasil” (ALBUQUERQUE e FILHO,2006, p. 15).

De acordo com ALBUQUERQUE e FILHO, os árabes foram os grandes responsáveis pelo tráfico de negros dentro e fora da África, pois, precisavam de mão de obra barata e um “produto” a oferecer, inclusive impulsionando o primeiro passo para a compra e venda de escravos no Brasil. Os negros passaram a possuir valor na economia dos árabes por servirem de moeda de troca, carregadores das mercadorias vendidas no continente Europeu e soldados do famoso *Jihads* (luta mediante vontade pessoal de se buscar e conquistar a fé perfeita na religião islâmica).

Entre os séculos XVI e XVII, os portugueses pretendiam alavancar ainda mais o tráfico negreiro para outras regiões com o comércio de cabotagem realizado entre portos em uma região conhecida como Costa do Ouro- ganhava esse nome por ser um importante polo comercial de noz de cola, porém não lucravam muito com essa atividade. A ganância lusitana pela venda de escravos era tão intensa e rentável que no final do século XVII, embaixadores pertencentes ao Território de Damé visitaram o Estado da Bahia na região Nordeste do Brasil com intuito de realizar acordos comerciais com compra de escravos. Após esse episódio, o Brasil passou a comprar oficialmente escravos pelas mãos dos portugueses, principalmente retirados do Kongo e Angola, onde as lutas eram mais intensas e proporcionavam a captura de negros.

“5.000.000 de africanos para substituir o trabalho escravo ameríndio, originando um contingente populacional de 75% de negros em relação ao numero de portugueses e outros colonizadores europeus, conforme o censo demográfico de 1822, ano da Independência do Brasil.” (CASTRO, 2011).

De acordo com a citação acima, Castro ressaltou que existia uma estimativa de 5.000.000 de africanos em Território brasileiro a qual estavam na condição de escravidão pelos portugueses. Esse número corresponde a 75% de negros que brevemente formariam a cultura étnica brasileira.

O trajeto dos negros da África durava meses em navios negreiros ou tumbeiros. As péssimas condições de transporte proporcionavam muitas mortes e até doenças, pois, não possuíam nenhum tipo de assistência, eram tratados como “simples mercadoria”. Quando chegavam à terra firme, mesmo exaustos por causa

da viagem eram obrigados inicialmente a trabalharem nas lavouras canavieiras do Nordeste açucareiro.

Segundo uma matéria exposta em 2010 no site G1 da Globo no século XVIII, o estado do Maranhão foi o quarto maior recebedor de escravos negros africanos que desembarcavam na capital São Luís. Assim que chegavam a capital eram batizados segundo o costume católico e ensinados a rezar, realizar o Rosário e a Ladainha.

“Depois da extenuante viagem feita ao longo do Atlântico e de desembarcar no Brasil em portos, quando o comercio de escravos era legal ou em praias desertas após a proibição do comercio de escravos, os negros escravizados deparavam-se com a dura realidade que teriam de enfrentar dali por diante, pois, teriam de conviver com o trauma do desenraizamento das terras do seus ancestrais e com a falta de amigos e parentes que deixaram do outro lado do Atlântico.”(ALBUQUERQUE e FILHO, 2006).

Segundo a citação acima os negros que chegavam ao Brasil se deparavam totalmente com uma realidade diferente da que, possuíam, sendo obrigados a vivenciar algo que não estavam habituados. Longe de suas casas, famílias, tinham que obedecer a ordens para sobreviver e assim aguentarem quase quatro séculos de escravidão.

“Não demorava muito para eles perceberem que ser escravo no Brasil era o mesmo que ser uma propriedade, o que permitia a venda, a permuta, a doação, o leilão, bem como os mais diversos castigos ao bel prazer do senhor proprietário. Sabiam que seriam explorados e trabalhariam para os senhores a fim de aumentarem as riquezas destes.” (ALBUQUERQUE e FILHO, 2006).

De acordo com as palavras de Albuquerque e Filho, os escravos logo descobriram o motivo pelo qual eram arrancados de suas terras, de suas raízes. Percebendo que seriam usados para aumentar a riqueza dos grandes senhores e também notaram que os mesmos não mediriam esforços para alcançar tal objetivo. Não existe uma data oficial de quando os escravos negros chegaram ao Brasil, mas, as atividades de compra e venda de escravos em Território brasileiro iniciou-se a partir da primeira metade do século XVI e se intensificando por quase quatro séculos.

Durante todo esse período, as mãos negras foram as grandes responsáveis por enriquecer o Brasil através das lavouras de açúcar, café, cacau, ouro, algodão e outros itens.

“Entre 1872, no município de Campinas, São Paulo, então grande produtor de café, a população escrava era de 13.685 pessoas, enquanto a livre era de 8.281 pessoas. Até meados daquele século, quando foi abolido o tráfico, a maior parte dos escravos era nascida na África. Para se ter uma ideia, os africanos representavam 63% da população escrava de Salvador. No Rio de Janeiro, os nascidos na África constituíam cerca de 70%”. (ALBUQUERQUE e FILHO, 2006, p.66).

Conforme os autores ressaltam acima, atividade escravagista era tão intensa que, em 1872, em Campinas o número de escravos superavam o de pessoas livres, isso significa que, o Brasil já contava com um grande número de negros em todo Território.

Retirados de sua terra natal, os negros viviam em condições precárias/maus tratos no Brasil. Eram obrigados a trabalhar nas lavouras de cana de açúcar situadas no Nordeste, nas fazendas de café situadas no Sudeste, na mineração (ouro e diamante) em Minas Gerais e na criação de gado no Sul do país, além de consertar estradas, pontes, caçar parte de sua alimentação, pois, quase tudo era negado aos escravos, cuidar de pomar e outras atividades como afirma ALBUQUERQUE e FILHO (2006, p. 74):

“[...] eram também obrigados a construir e reparar cercas, cavar fossos, consertar estradas e pontes, prover a casa- grande de lenha, reparar os barcos e os carros de boi, pastorear o gado, cuidar do pomar e das criações dos senhores. Além disso, tinham que providenciar parte do seu próprio alimento caçando, pescando ou cuidando da própria roça.”

No quesito moradia, os negros não possuíam muitas escolhas, viviam em condições precárias nas senzalas, onde eram acorrentados pelas mãos e pés, pelos capitães do mato para evitar fuga. Eles conviviam muitas vezes com animais transmissores de doenças, as roupas eram impróprias para o trabalho no campo e a alimentação extremamente precária.

“Interessava ao proprietário conservá-los como as bestas de canga, em boas condições de uso, alimentação quase sempre não passava de feijão bichado e angu mal cozido. Em outros casos, a pobre besta escravizada tinha de se contentar em laranja, banana e farinha de mandioca”. (FREIRO, 1982, p 119).

Freiro retrata em suas palavras as condições desumanas que os negros viviam assim que chegavam no Brasil. Como forma de impedir que, os mesmos consumissem certos alimentos, os senhores inventavam coisas, como o popular e conhecido ditado que manga com leite faz mal, provoca a morte. Tais medos

impostos aos escravos fazia com que, os mesmos não se atrevessem a consumir tais alimentos e com isso muitos morreriam desnutridos.

“[...] desnutridos, extenuados pela longa viagem e alocados em senzalas, insalubres, facilitou ainda mais a expansão da tuberculose no Brasil. Porém, os números reais de casos de tuberculose que envolviam escravos não são precisos, devido a uma serie de fatores [...]” (RIOS, p. 24)

Como frisa o autor, mesmo os negros possuindo muita resistência em suas atividades, não possuíam uma alimentação adequada e nem assistência medica, como consequência acabavam adquirindo doenças como a tuberculose e faleciam posteriormente. O homem branco tinha medo do negro, embora não demonstrassem falando, reforçavam a segurança sempre que podiam e a policia daquela época realizava varias vistorias noturnas, pois, os negros não podiam circular nas ruas da cidade sem autorização de seus senhores ou da polícia, como afirma ALBUQUERQUE e FILHO, 2006, p.86:

“A presença deles nas ruas durante a noite era estritamente controlada pela policia. Temia-se que, camuflados pela escuridão poderiam cometer crimes, fugas e preparar revoltas. O escravo que vagasse a noite sem autorização de seus senhores podia ser preso como suspeito de fugido. Em 1829, a câmara municipal da cidade de Vitória, província do Espírito Santo, determinou: “todo escravo que for encontrado na cidade sem bilhete do senhor será conduzido a cadeia e no dia seguinte castigado no Pelourinho com cinquenta açoites; se for mulher receberá quatro dúzias de palmadas e se, reincidente, será até seis dúzias”. Em todos os centros urbanos do país, depois do toque de recolher as 08 hrs, os cativos só podiam circular pelas ruas com licença escrita pelos senhores ou por autoridades policiais. As patrulhas e rondas policiais vigiavam também os locais de culto afro-brasileiro, frequentemente prendendo seus membros e destruindo ou apreendendo objetos e instrumentos dos rituais”.

Desta forma os negros não possuíam nenhum tipo de liberdade nem de expressão. E assim foram à chegada dos negros em terras brasileiras, cheia de dores, sofrimentos e angustias. A riqueza que hoje se encontra no Brasil, foi movida pelo suor e mãos negras que forçadamente cultivaram, e cuidaram de toda produção do período colonial e imperial.

2.2 A trajetória do Negro no Brasil

A trajetória do negro no Brasil inicia-se com a travessia do Atlântico ate as terras brasileiras. Cada navio negreiro transportava cerca de 440 pessoas. A má

alimentação, o calor e as condições desumanas em que, eram transportados provocavam doenças e mortes.

O povo africano enfrentou diversos desafios até conseguir pertencer oficialmente a sociedade brasileira. O primeiro deles foi a questão da sobrevivência dentro dos navios. Assim que desembarcavam em solo brasileiro eram comercializados para outras nações ou levados para trabalho escravo nas fazendas ou na própria cidade.

“As negociações envolviam varias etapas, eram lentas e com gestos cheios de significados simbólicos. Os navios tinham que pagar taxas de ancoragem e os capitães ofereciam presentes para os chefes locais ou para os representantes dos reis, que moravam no interior do continente. Estes geralmente eram presenteados com tecidos finos, como brocados, veludos e sedas, com botas de couro, chapéus emplumados, casacos agaloados, punhais e espadas trabalhadas, pipas de bebidas destiladas, cavalos e uma variedade de produtos que indicavam prestígio”. (SOUZA, 2008, p.59).

Os traficantes sempre traziam mais negros além do especificado nas compras, pois, pretendiam vender os negros extras em praças ou leilões. Chegavam quase sem roupas e eram separados independentemente de parentesco ou região. Para que, fosse alcançado um maior preço no mercado, os cabelos e barbas eram cortados e podiam tomar um banho. Os escravos debilitados eram separados e recebiam cuidados para depois serem comercializados. No Rio de Janeiro o Mercado ficava em Valongo, próximo da praça Mauá. A porta do Mercado colocava um cartaz onde se anunciavam: “negros fortes, bons e moços chegados na ultima nau. (MACEDO, 1974).

De acordo com Macedo, os escravos possuíam propagandas como se fosse uma mercadoria qualquer. Os compradores avaliavam a musculatura, os dentes, obrigavam os negros a saltarem e dançarem para avaliar sua resistência física.

“Quando se tratava de mulher, os seios eram bem examinados, pois, poderiam servir como ama de leite e bem assim as nádegas. Tinham-se interesse em negras do traseiro grande, bem servidos de carnes, porque isso era indícios de força, saúde e qualidade de boa parideira, capaz de dar novos escravos ao senhor”. (MACEDO, 1974, P. 32).

Segundo Macedo as mulheres eram analisadas conforme a graciosidade, com intuito de aumentar o numero de escravos dos senhores. O preço dos escravos era definido de acordo com sexo, idade e porte físico, podendo os senhores alugar,

vender, hipotecar, segurar ou penhorar os negros, assim que a compra fosse finalizada.

Apos anos de trabalho escravo os negros passaram a se rebelar e criar revoltas com objetivo de enfrentar o homem branco e conseguir sua liberdade. Esses movimentos constituíam o segundo desafio dos negros.

Cansados dos maus tratos e das punições severas, muitos escravos se rebelavam, fugiam, realizavam revoltas e massacres contra a família dos seus donos ou até mesmo tentavam negociar sua liberdade através de uma carta de alforria, porém o preço não era acessível. “A maioria das cartas de alforria era onerosa, pelas quais o escravo deveria pagar uma quantia em dinheiro para ressarcir o prejuízo do proprietário ou recompensá-los indiretamente com a prestação de serviços”. MATTOS, (2007).

Mattos ressalta que, mesmo os negros possuindo uma chance de liberdade, os senhores colocavam obstáculos para que, desistissem. Para que, um negro fosse liberto da condição de escravidão precisava pagar aos seus senhores uma quantia em ouro ou prestação de serviços indiretos, ou seja, a escravidão através da permanência aos olhos da sociedade de “forma legal”.

Quando um negro conseguia fugir e era capturado pelo tão conhecido Capitão do Mato, preferiam cometer suicídio a ter que passar por todos os castigos que lhe esperavam. Os senhores costumavam castigar seus escravos no pelourinho, onde os mesmos eram amarrados as mãos e o Capitão do Mato o chicoteava quantas vezes fossem necessárias.

Outro castigo considerado cruel era o que chamavam de banzo, onde o escravo capturado era obrigado a comer terra dia apos dia até morrer de forma lenta e sofredora ou usavam uma mascara de flandes com uma tranca na nuca que os impedia de ingerir qualquer alimento ou liquido diferente do que, consumiam normalmente. Muitos escravos suicidavam-se por afogamento, acreditando que as águas agiam como uma purificação entre o mundo terrestre e outro universo paralelo, podendo seu espírito retornar em outro corpo.

A figura do tão temido Capitão do Mato, surgiu quando os escravos começaram a cometer as primeiras fugas. Seu objetivo era capturar os escravos fugitivos e vivos e ensiná-los uma lição, aplicando castigos cruéis. Normalmente podiam ser ex-escravos ou pessoas que possuíam alguma divida com os fazendeiros e que pagavam seus débitos trabalhando como Capitão do Mato. Os

escravos temiam e a sociedade os repugnava pela forma como executavam o trabalho. A profissão passou a ser desqualificada por causa da vingança dos escravos, quando estes conseguiam capturar um Capitão do Mato.

Os escravos que conseguiam fugir e não eram capturados, viviam nas florestas em abrigos constituídos de palhas que mais tarde passaram a ser conhecidos como quilombo. Nos quilombos viviam de acordo com os costumes e culturas de sua terra natal (África). Durante o período da escravidão (XVII e XVIII) surgiram vários quilombos ao longo dos estados da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas, sendo o maior e o mais importante o quilombo dos Palmares, liderados por Zumbi.

“Palmares e Zumbi se tornaram importantes símbolos da resistência contra a escravidão, sendo exemplo mais espetacular de um tipo de ação largamente adotada pelos escravos fugidos que, reconquistavam, sua liberdade, podiam estar afastados de qualquer núcleo de colonização ou mais próximos de um arraial ou uma cidade. Nos mais isolados, os quilombos viviam do cultivo da terra, da caça, da pesca produzindo seus tecidos seus potes, suas cestas, seus instrumentos de trabalho e armas.” (SOUZA, 2008, P. 98).

Com base na citação, o quilombo dos Palmares (o maior e mais importante quilombo) liderado por Zumbi, servia como refúgio para aqueles escravos que sonhavam com uma vida fora das fazendas. Os escravos fugitivos possuíam a liberdade que desejavam dentro dos quilombos. Caçavam, pescavam, cuidavam da roça, assaltavam fazendas vulneráveis e matavam quando era preciso. Essa liberdade causou medo e revoltas pela cidade por parte dos brancos. Os locais que serviam de quilombo eram próximos a lugares com água e não eram admitidas nenhuma forma de indisciplina, indolência, roubo ou traição, sendo punidos de mortes aqueles que praticavam o roubo ou traição dentro dos quilombos.

Após a derrota do mais importante quilombo, liderado por Zumbi em 20 de novembro de 1695, outros quilombos se tornaram constantes no período colonial e imperial, com isso revolta, movimentos e leis foram criados para tentar a libertação dos escravos. A primeira Lei criada para tentar conseguir o fim da escravidão foi a de Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico de escravos africanos para o Brasil, porém os europeus ainda conseguiam trazer escravos para o país, desembarcando em ilhas desertas. Em 1840 o número de escravos que conseguiam comprar sua carta de alforria era considerado grande, outros continuavam a fugir para quilombos.

No ano de 1871, foi proclamada a Lei do Ventre Livre, em que, os filhos de escravos nascidos depois da Lei, podiam ser “libertos”. Nessa Lei os senhores eram obrigados a cuidar dos escravos até os oitos anos de idade, quando o Governo pagava uma quantia para os donos de fazenda pela libertação dos escravos, porém podiam usufruir dos seus trabalhos ate os 21 anos. A Lei dos Sexagenários obrigavam os donos de fazenda a libertarem os escravos que possuíam mais de sessenta anos de idade, porém somente a Lei Áurea veio libertar a todos.

Com o crescimento do movimento abolicionista por volta de 1880, alguns intelectuais e negros livres já faziam parte da sociedade brasileira daquela época, podendo usufruir de sua liberdade. Dentre os abolicionistas, alguns eram negros influentes e escritores, como Luís Gama, André Rebouças e Machado de Assis. Antes de a Lei Áurea ser validada os Estados do Amazonas, Rio Grande do Sul, São Paulo e Ceará não possuíam mais escravos.

Finalmente em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea e proclamou o fim da escravidão, libertando cerca de 700 mil escravos.

Com o fim da escravidão, os negros estavam entregues a própria sorte, além de serem discriminados pela cor, moravam em regiões afastadas/precárias, sendo excluídos de tudo e vivendo na miséria.

“[...] as dificuldades da após – Abolição, com a grande massa de libertos sem ter o que fazer, entregues a própria sorte, não foram cogitadas no momento devido e tiveram como resultado a desorganização geral que se verificou depois, prejudicando fundamentalmente a vida nacional”. (LUNA, 1968, p. 203).

De acordo com a citação acima, as dificuldades rondavam a vida cotidiana dos negros, chegando até a fome. A trajetória escravagista foi a grande responsável por tal consequência, levando a criação das primeiras favelas.

Com o passar dos anos e depois de muitas lutas, os negros hoje ocupam posições sociais que antigamente pertenciam ao homem branco, chegando até a mais alta posição social, como a Presidência, porém o preconceito e o racismo ainda prevalecem por parte de algumas pessoas.

2.3 Cultura e Identidade

Segundo o dicionário Aurélio de português, cultura significa “complexo dos padrões de comportamento das crenças, das instituições, das manifestações

artísticas, intelectuais e etc., transmitindo coletivamente e típicos de uma sociedade, ou seja, tudo que é adquirido por uma geração e que passe para outras em forma de tradição, permanecendo nas famílias durante muito tempo.

A cultura Africana inserida na sociedade brasileira foi por meio das danças, comidas típicas, religião, música, modo de vestir, entre outros. O Brasil é um dos países que possui mais diversidade cultural, devido à miscigenação de vários povos pertencentes ao seu Território durante a colonização e que estão presentes até os dias atuais.

Apesar de todo o sofrimento vivenciado pelas marcas da escravidão, os negros jamais abandonaram sua cultura e costumavam organizar suas festas em homenagem aos seus deuses, onde usavam adornos no corpo e retornavam as suas origens. Uma das festas mais conhecidas era a do Rei do Congo ou Congada em que, lembrava tipicamente uma dança teatral, porém sensual. Na dança, o batuque e a capoeira se tornaram verdadeiras obras de arte. O batuque constituía as batidas de tambores em que, os escravos incorporados pelo ritmo dos instrumentos de percussão, criavam movimentos com os pés, cabeça e braços, balançando o corpo todo.

Já a capoeira conhecida e praticada, constituía em uma mistura de luta, dança e música, praticada dentro das senzalas ou em forma de defesa contra os ataques do homem branco. O esporte se tornou tão popular que passou a ser praticada por outros povos. Em 1932 abriu a primeira e oficial academia de capoeira no Brasil, na cidade de Salvador- Bahia, comandada por Manoel dos Reis Machado ou mestre Bimba, como era conhecido.

Em relação às comidas típicas herdadas dos negros em território brasileiro, se destacam a batata doce, amendoim, quiabo, melancia, o alho, cravo – da- índia em pratos bem conhecidos no Brasil, como a carne seca ou carne de sol, o popular cuscuz, a feijoada, canjica, rabada entre outros.

Na religião, os negros reverenciavam os espíritos, pois, acreditavam que os mesmos possuíam poderes para o bem e o mal. Quando o homem branco possuía alguma doença desconhecida pela medicina era aos negros que procuravam através dos pais e mães-de-santo, como ficaram conhecidos aqueles que previam o futuro, curavam as doenças através dos espíritos e praticavam o candomblé e a umbanda.

“[...] os ritmos acelerados que os tocadores tiram deles acompanham o transe dos médiuns, por meio dos quais as entidades do além se manifestarem, frequentemente assumido posturas corporais e vozes diferentes. Cada ritmo permite a incorporação de uma entidade sobrenatural, que tem toque, cores, adereços, roupas, comida e gestos próprios. Cada terreiro tem seus orixás e espíritos, cada médium recebe determinadas entidades, em numero limitado”. (SOUZA, 2008, p.33)

Souza cita que, os primeiros médiuns negros, dançavam de acordo com o ritmo da musica até seus corpos serem possuídos por algo sobrenatural (espíritos) realizando dessa maneira as consultas populares. Cada ritmo impulsionava um espírito que quando incorporados queriam “viver” de acordo com seus costumes na terra.

Quando escravizados, os negros foram obrigados a aprender as crenças do catolicismo e começaram a prestar culto aos santos, missas em favor de almas dos mortos e das pessoas vivas, além de consolar as famílias com algum problema, porém, sem esquecer seus traços de origem.

O período da escravidão trouxe muito sofrimento e dores aos negros, porém o país ganhou um leque de diversidade presente ate hoje, onde o resultado da miscigenação trouxe a troca entre culturas, criando uma nova história ao país.

A identidade natural do negro foi “perdida” assim que, passaram a ser escravizados e vendidos como mercadorias. Quando estavam na África, possuía nome próprio, uma identidade a qual podiam ser identificados. Ao chegarem ao Brasil eram tratados como bichos e quando conquistou à liberdade, a luta possuía por objetivo conseguir uma identidade aos olhos dos brancos. O preconceito que hoje existe na sociedade é a consequência da imposição do homem branco, por sentir-se superior, ainda que ambos possuíssem o mesmo patamar. Por viverem sempre submissos, a raça branca tende a desprezar os negros e a caracterizá-los conforme a cor, cabelo, porte físico, mediante a perspectiva branca e não procuram saber como o negro realmente se identifica.

Atualmente não é difícil ler noticias sobre preconceito ou agressões físicas somente por uma pessoa ser negra. As crianças negras ou mestiças crescem com a cultura que seus cabelos não são bons por serem cacheados e grossos, enquanto dos brancos são lisos e finos. Os próprios negros se discriminam ou se julgam pelo fato de serem negros por ser uma consequência do embranquecimento forçado pelos brancos, porém muitos negros e afrodescendentes possuem orgulho da origem do seu povo.

3 LEI 10.639/03

A Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 foi sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, alterando a Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em que rege sobre o ensino da cultura afro - brasileira. A nova Lei obriga que tanto as escolas públicas como particulares ensinem em seu conteúdo didático o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, bem como a História da África e dos Africanos, a Luta dos Negros no Brasil (durante e depois da escravidão), a Cultura Negra Brasileira com todos os seus costumes e o Negro na Formação da Sociedade Nacional como contribuição fundamental para a cultura, economia, política e vida sociais ligadas a História do Brasil.

Toda história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil eram mencionadas nos livros apenas como temas relacionados à escravidão negra, sem ao menos reconhecer a importância do negro na construção étnica do país. A Lei também permitiu a criação do dia da consciência negra, intitulado em 20 de novembro.

As instituições de ensino, tanto particular como pública devem inserir no cotidiano dos alunos a história e cultura Africana e Afro- Brasileira através das disciplinas de história, literatura e arte mostrando aos alunos a importância do negro dentro da história brasileira, sendo que, em 2004 o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na qual ressaltava mediante o CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004, publicado oficialmente pelo Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11 que:

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004. § 2º O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e tem por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

O ambiente escolar sempre proporcionou o ganho de conhecimentos importantes para a formação dos alunos, porém a história dos negros como parte fundamental da formação do que hoje se chama Brasil- o país da diversidade é precária em formação pelos docentes, ou seja, tudo que é ensinado em sala de aula esta baseada na história da escravidão, os costumes e culturas ligadas a essa época e acabam esquecendo a identidade do negro em si, suas batalhas, conquistas, aflições ...

“Daí, a necessidade imediata de educadores e educandos se articularem, a fim de estabelecer redes de convivência que resultem não só no ensino aprendizagem de determinados saberes, mas, para, além disso, na percepção e na aceitação da importância de outras tantas maneiras de viver e de saber” (PEREIRA; 2007 p.15)

Tudo que é ensinado nas escolas este inteiramente ligado a escravidão e Zumbi, se estes não fossem mencionados na historia, a sociedade brasileira não saberia da existência e importância dos negros dentro do contexto brasileiro, por este motivo a importância desta Lei aplicada no país, como requisito fundamental de respeito pelo povo negro que através de suor, sofrimento e dores ajudaram a

construir o país chamado Brasil. Além do mais é uma forma de lutar contra o racismo e o preconceitos nascidos na época do Brasil Colônia e Império.

“No que tange às culturas afrodescendentes, é importante aprendê-las dentro do princípio da diversidade, já que, em função dos diferentes grupos culturais africanos que aportaram no território brasileiro, se desenharam aqui modelos diferenciados de culturas afrodescendentes”. (PEREIRA, 2007; p. 59).

Segundo Pereira, a Lei 10.639/03 só poderá ser aplicada e construída dentro da sociedade através dos educadores, pois, eles são os responsáveis pela educação ensinada no Brasil e as crianças, adolescentes e jovens, aprendem seus primeiros passos educacionais dentro das instituições de ensino. O reconhecimento e respeito que o povo negro merece devem ser aplicados e entendidos desde a primeira infância. Já na segunda citação o autor retrata a cultura afrodescendente em sua diversidade, pois, os negros foram trazidos para o Brasil de diferentes regiões da África, sendo que cada grupo de acordo com a região de origem, possuía uma cultura a ser apresentada.

Todo esse contexto histórico-cultural deve ser retratado em sala de aula, pois, se torna relevante um conteúdo com tais informações para o Movimento Negro.

“As questões relativas a aplicabilidade da lei já foram e ainda são discutidas em diversos eventos científicos envolvendo vários especialistas, resultando em propostas, posicionamentos, materiais de apoio aos professores e outras propostas. Entretanto, infelizmente, ainda encontramos profissionais da educação sem o preparo necessário para trabalhar as questões relativas a História e cultura afro-brasileira e africana” (AGUIAR; AGUIAR, 2010, p.94)

Ainda existe a carência por parte dos professores em conhecer quais materiais trabalhar com os alunos em sala de aula, ao que se diz respeito sobre História e cultura afro-brasileira e africana, imposta pela Lei 10.639/03, o que prejudica a desenvoltura do ensino nesta área. É preciso capacitar esses profissionais para formar cidadãos mais justos e menos discriminatórios, aprendendo a conviver com as diferentes culturas presentes no Brasil. Atualmente a Lei 10.693/03 completou 14 anos de sua existência e muitas escolas, professores e alunos continuam sem conhecer a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

3.1 Lei nº 4.673 de 09 de novembro de 2006

A Lei nº 4.673 de 09 de novembro de 2006 institui a criação e reconhecimento da Casa de Tambor de Crioula em São Luís no estado do Maranhão, com objetivo de resgatar e preservar a cultura sócio - histórico dos povos afrodescendentes. Sancionada pelo ex-prefeito Tadeu Palácio, dirigido ao Presidente do IPHAN em março de 2007 (OE nº. 142/07), com o endosso da Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão, da Comissão Maranhense de Folclore – CMF e do Conselho Cultural do Tambor de Crioula do Maranhão, a Lei entrou em vigor possuindo os seguintes artigos:

Art. 1º - Fica criada a Casa do Tambor de Crioula de São Luís, com objetivo de resgatar a dívida sócio-histórico-cultural, das populações afro- descendentes.

O Tambor de Crioula foi identificado e descrito por pesquisadores como “uma referência significativa no conjunto das manifestações culturais locais”, contribuindo para a formação do patrimônio e da identidade cultural negra e afro-brasileira da região abrangida pela Ilha de São Luís. O Maranhão é um dos estados do país que possui maior contingente populacional de negro pelo grande número de escravos que foram introduzidos, especialmente, para cá.

Art. 2º - A Casa do Tambor de Crioula terá como órgão Gestor a Fundação Municipal de Cultura - FUNC, constituindo-se num espaço cultural de caráter museológico, antropológico e sociológico, bem como, um centro de pesquisa, memória e documentação da História dos Afrodescendentes, e ainda, local de difusão desta manifestação cultural.

Hoje em dia a Casa do Tambor de Crioula é oficialmente reconhecida como um patrimônio cultural pertencente a São Luís- MA, sendo caracterizada como um espaço museológico, antropológico e sociológico, servindo de base para estudos e pesquisas sobre a história dos Afrodescendentes e sua cultura passada de geração em geração.

3.2 Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008

A Lei acima altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que foi modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 a qual respalda sobre a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e particulares de todo o país. Além de obrigar as instituições de ensino anexarem seus conteúdos didáticos a História e Cultura Afro-Brasileira a nova Lei também inclui o conhecimento indígena em sua programação, permanecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, obedecendo tais critérios:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Os índios foram os primeiros habitantes das terras brasileiras, conheceram os portugueses e impressionados com objetos que nunca tinham visto, acabaram enganados e feitos de escravos durante um tempo. O uso do índio em trabalho escravo não era tão rentável quanto os negros, logo estes possuíam maior resistência e porte físico, capazes de sobreviver á atividades pesadas, porém a figura do índio se fez presente para a construção do povo brasileiro.

Muitos costumes e comidas consumidas diariamente pelo homem branco, como a farinha, beiju e macaxeira, são retirados da culinária indígena. O índio também fez sua história dentro do processo de formação da sociedade e por isso merece respeito e conhecimento de sua história, além da simples figura mencionada em livros.

A Lei 11.645/08 foi criada com objetivo de diminuir o preconceito e o racismo em relação às comunidades indígenas e afro-brasileiras que muitas vezes são julgadas de forma injusta por apresentarem culturas e costumes diferentes. O povo brasileiro ainda carrega vestígios do preconceito e racismo gerados no tempo da escravidão, especialmente com os negros e não aceitam que sua formação social esta diretamente ligada a povos negros e afrodescendentes.

Os alunos constroem seu conhecimento baseando-se que as histórias negras e indígenas só possuem valor quando mencionadas ou comparadas á escravidão, não percebem que grande parte do que usam, comem, falam são provenientes dessa cultura e por fim, o preconceito para ambos os grupos podem ser vistos diariamente através da violência e exclusão social. A nação brasileira tende aceitar que sua formação esta ligada a união de vários povos que, trouxeram suas culturas e costumes baseados no que aprenderam em seus países.

4 AUTORES AFRODESCENDENTES

A contribuição literária escrita pelos negros ou mestiços no Brasil, tornou-se um incentivo e uma representação cultural da capacidade intelectual da sociedade afro- descendente, servindo de exemplo fora do país e construindo a sociedade brasileira diversificada que o mundo conhece nos dias de hoje. A trajetória do negro em solo brasileiro não foi fácil, para que pudesse possuir vez e voz, tiveram que passar por inúmeras humilhações, torturas, mutilações e deformações no corpo, consequência de anos e anos de escravidão.

“A Literatura afro-brasileira está sendo desenvolvida em condições financeiras, bibliográficas e editoriais precárias”. É uma literatura feita mais na raça, no muque, pois os escritores negros brasileiros, devido à falta de apoio cultural, subvencional, a realizam segundo suas condições financeiras, ou seja, autofinanciamento a publicação dos seus trabalhos, poupando alguns trocados dos seus míseros salários. A maioria deles é composta de trabalhadores e em alguns casos também de chefes de família ou trabalhadores-estudantes, que estão no banco escolar mais pela necessidade de obter um diploma para conseguir um cargo e um salário melhor, sem esquecermos também das mulheres, que, se não são trabalhadoras, são donas-de-casa, estudantes, mas sem mesada mensal, eteceteras. (KIBUKO, 1983. p. 220)

Kibuko ressalta que, as obras literárias dos afrodescendentes eram publicadas sem nenhum tipo de apoio político ou econômico, sendo que o próprio autor retirava uma quantia do pequeno salário que recebia para formalizar tais publicações. Em suas obras costumavam relatar suas aflições, rancores, dores, opressões sofridas durante muito tempo do período escravagista.

A trajetória do negro na literatura brasileira esta caracterizada como algo referente à “exclusão”, justamente pela sociedade preconceituosa possuir pensamentos absurdos sobre a capacidade do negro de escrever, ler, produzir arte e outras formas de expressão. Na trajetória negra dentro da literatura brasileira dois pontos são fundamentais para o discurso literário: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.

O estudo do negro como objeto de uma visão distanciada, busca descrever nos textos, negros ou descendentes de negros como personagem principal dos livros, caracterizando o domínio dos brancos na sociedade e expressando a realidade histórica cultural do Brasil com uma visão diferenciada da sociedade branca, ou seja, o Brasil segundo os negros.

A matéria negra como pode chamar o período de destaque desse povo na literatura, só é realmente conhecida a partir do século XVII, através dos poemas de Gregório de Matos, que satirizavam a sociedade da época e “demolia” o pensamento dos brancos sobre domínio de um povo.

Já o negro como sujeito, numa atitude compromissada mostra o lado irônico da literatura negra, representada muito bem por Luís Gama em seu poema mais conhecido, “Quem Sou Eu”, onde o autor tenta descobrir qual sua identidade, qual seu lugar no mundo” e conseqüentemente desperto as dúvidas dos escravos da época sobre o seu “eu ser”. Outro autor que ousou a desafiar os padrões da sociedade impostos na época foi Lima Barreto, a qual escreveu um romance que ficou muito conhecido por chocar a população branca, pois, a obra (Clara dos Anjos escrita em 1922) retratava a historia de uma mulata que sofreu por sentir na pele a dor de ser julgada por uma sociedade altamente racista, isso aos olhos dos brancos era como um “pecado”, pois estavam acostumados a tratarem tal assunto de forma natural, não esperavam que alguém contrariasse suas palavras e regras.

“A produção literária negra procurou formas alternativas como impressão de poemas em mimeógrafo e xerox, sendo estes trabalhos distribuídos em filas de teatro, cinemas, shows etc., sempre a preços módicos, pois o autor não gastava muito e o que mais lhe interessava era veicular sua poética. [...] Em seguida, veio uma nova safra, tendo de um lado a turma da classe média, ligados à revista “Anima” e “Música do Planeta Terra”, esta última editada por Júlio Barroso (suicidou-se recentemente em São Paulo) e ao grupo de artistas denominados “Nuvem Cigana”; de outro lado, a turma proletária, publicou as antologias: “Ebulição da Escravatura”, no Rio de Janeiro, e a “Antologia Contemporânea de Poesia Negra Brasileira”, organizada pelo poeta Paulo Colina, de São Paulo. [...]Mas estas produções, tanto da turma classe média das quais destaco a poesia de Chacal, quanto da turma proletária, dos quais destaco os nomes de Salgado Maranhão pelo Rio de Janeiro e Cuti por São Paulo, tiveram de enfrentar os preconceitos e o capitalismo selvagem das editoras” [...] (FILHO, 1987. p. 46)

De acordo com a citação acima, na busca por um reconhecimento literário, os autores negros buscavam divulgar seus trabalhos através de xerox distribuídas nas portas dos teatros, cinemas e shows, na tentativa de receber o valor que mereciam, porém a sociedade da época os retraiam e recebiam pouco ou quase nenhum reconhecimento. O rumo da história foi modificado quando a turma da classe média, ligados à revista “Anima” e “Música do Planeta Terra”, esta última editada por Júlio Barroso publicaram obras relacionadas a poesias e literatura negra, mesmo enfrentando os preconceitos da sociedade e das editoras, conseguiram expor os trabalhos dos autores afrodescendentes.

Na literatura afrodescendente destacam-se pontos-chaves para que, a mesma seja concluída e aplicada, destacando-se a temática, autoria, o ponto de vista, a linguagem e por último o público, que são ferramentas necessárias dentro de sua construção. Após anos e anos de luta, alguns autores conseguiram publicar suas obras, estudar fora do país e apesar de alguns morrerem pobres, hoje são reconhecidos por seu talento e domínio na área literária, destacando Cruz e Sousa, Luís Gama, Gonçalves Dias, Maria Firmino, entre outros.

4.1 Cruz e Souza

Filho de escravos alforriados, Cruz e Souza nasceu em 24 de novembro de 1861 em Nossa Senhora do Desterro, conhecida atualmente como Florianópolis-Santa Catarina. Foi um dos mais importantes membros do movimento simbolista, caracterizado por uma representação literária, mística, sensual, com uso de figuras de linguagem e o individualismo.

O poeta nasceu livre e foi criado como filho adotado de Marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa e Clarinda Fagundes de Sousa, recebendo uma excelente educação. Aprendeu a ler e escrever, sendo que, aos sete anos já criava seus próprios versos e aos oito anos declamava-os em salões e teatrinho.

Desde pequeno era apaixonado pelas letras e a leitura. E em 1877, começou a dar aula particular, publicando pela primeira vez seus versos em jornais da província. No ano de 1881, juntamente com seus amigos Virgílio Várzea e Santos Lostada, criaram um jornal denominado Colombo. Em 1883 conheceu e aproximou-se do presidente de Santa Catarina, seu Gama Rosa, sendo nomeado promotor de Laguna em 1889, porém não conseguiu assumir o cargo devido à intervenção política de superiores.

Estreou na literatura em 1885, com seu amigo Virgílio Várzea, publicando a obra "Tropas e Fantasias", assumindo no mesmo ano a direção do jornal "O Moleque". Figura marcante a favor do abolicionismo mudou-se para o Rio de Janeiro em 1888, fixando oficialmente na cidade em 1890. Conheceu a poetisa Gavita Rosa Gonçalves, onde casou no ano de 1893, publicando obras como "Missal" e "Broquéis", Cruz e Sousa adotou o simbolismo em seus versos.

A sua vida pessoal após o sucesso não era uma das melhores e seu casamento tornou-se uma luta de miséria e infelicidade. Seus filhos faleceram devido a uma tuberculose. A mesma moléstia atingiu o poeta que faleceu em 1989.

Em 1905, seu grande amigo Nestor Vitor publicou a obra “Últimos Sonetos” na França, uma das maiores e reconhecidas obras deixada pro Cruz e Sousa.

“Sonho profundo, ó Sonho doloroso, Doloroso e profundo Sentimento! Vai, vai nas harpas trêmula do vento, Chorar o teu mistério tenebroso. Sobe dos astros ao clarão radioso, Aos leves fluidos do luar nevoento, Às urnas de cristal do firmamento, Ó velho Sonho amargo e majestoso! Sobe as estrelas rútilas e frias, Brancas e virginais eucaristias, De onde uma luz de eterna paz escorre. Nessa amplidão de amplidões austeras. Chora o sonho profundo das esferas, Que nas azuis melancolias, morre”...
(Últimos Sonetos 1984, O Grande Sonho, pág. 65, CRUZ E SOUZA)

Segundo um dos poemas de Cruz e Sousa expressos na obra Últimos Sonetos percebe-se o olhar crítico do autor contra uma sociedade que fez pessoas chorarem, sangrar por dentro e por fora e que por fim conseguiram reconquistar a liberdade.

Após sua morte a sociedade francesa o consagrou como um dos principais representantes do simbolismo. Suas palavras expressas através dos poemas contribuíram para demonstrar a importância dos autores afrodescendentes.

4.2 Luís Gama

Luís Gonzaga Pinto de Gama nasceu em 21 de junho de 1830 em Salvador-Bahia. Filhos da africana livre Luiza Mahun, uma das figuras importantes da Revolta do Malês e do fidalgo branco de uma rica família baiana, Luís Gama foi vendido aos dez anos de idade na condição de escravo, como pagamento de uma dívida de jogo realizada pelo seu pai.

Sua mãe foi obrigada a fugir para o Rio de Janeiro devido suas participações na Revolta do Malês e da Sabinada.

Em sua vivência como escrava, foi contrabandeado para o Rio de Janeiro e em seguida para São Paulo, pois, os fazendeiros o rejeitavam por ser baiano e temiam os escravos nascido na Bahia. Seu “dono” foi obrigado a levá-lo para sua residência, ensinando-o a trabalhar como copeiro, sapateiro, a lavar e consertar roupas.

Aprendeu a escrever e ler aos 17 anos, graças a um jovem estudante paulista, chamado Antônio Rodrigues do Prado Junior. Permaneceu no exército por seis anos e ao sair formou-se em Direito, libertando mais de 500 cativos.

Em 1859 Luís Gama se torna poeta lançando sua obra intitulada Primeiras Trovas Burlescas, na qual reúne um conjunto de poemas líricos e críticos a sociedade da época. Sua mais conhecida obra, Bodarrada ou Quem sou eu (como mostra a citação abaixo), ironizava aqueles que negavam a presença da cultura africana na formação do brasileiro, tornando-se o fundador da literatura de militância dos negros no Brasil. Apesar das dificuldades enfrentadas, Luís Gama conseguiu fazer história com seus poemas.

“Amo o pobre, deixo o rico, Vivo com o tico- tico Não me envolve em torvelinho, Vivo só no meu cantinho, Da grandeza sempre longe, Como vive o pobre monge. Tenho mui poucos amigos, Porém bons, que são antigos. Fujo sempre a hipocrisia, á sandice, á fidalguia, das manadas de Barões? Anjo Bento, antes trovões. Faço versos, não sou vate, Digo muito disparate Mas só rendo obediência, a virtude, a inteligência. Eis aqui o Getúlio. Que no pletro anda mofino. Sei que é louco e que é pateta. Quem se mete a ser poeta. Que no século das luzes. Os barbantes mais lapuzes. Compram negros e comendas. Têm brasão, não das Kalendas. E com tretas e com furtos. Vão subindo a passos curtos. Fazem grossa pepineira. Só pela arte do Vieira. E com jeito e proteção. Galgam altas posições. Mas eu sempre vigiando. Nessa súcia vou malhando. De tratante, bem ou mal. Com semblante festival. Dou de rijo no pedante. De pílulas fabricantes. Que blasona arte divina. Com sulfatos de quinina.”.. (Poema de LUÍS GAMA 1859)

Gama se tornou um dos mais importantes escritores da época, possuindo coluna nos principais jornais e ganhando fama entre os escravos, por conseguir libertá-los. Devido a sua fama entre os escravos, recebeu diversas ameaças de morte por parte de fazendeiros que repugnavam suas ações. A complicação de uma diabetes levou o escritor a falecer na tarde de 22 de agosto de 1882.

Ex-escravo, advogado, poeta, jornalista, defensor dos pobres, autodidata, republicano, abolicionistas radicais e maçom., Gama, morreu pobre por opção e hoje é patrono a 15^o cadeira da Academia Paulista de Letras. Suas obras são verdadeiros tesouros guardados e representam a história afro-brasileira através das palavras.

4.3 Gonçalves Dias

Gonçalves Dias nasceu no estado do Maranhão, na cidade de Caxias em 10 de Agosto de 1823. Filho de um comerciante português e uma mestiça iniciou seus primeiros passos na escola ainda no Estado, porém viajou ainda muito jovem

para Portugal. Em 1838 entrou para o Colégio das Artes em Coimbra, concluindo o curso secundário e dois anos mais tarde matriculou-se na renomeada Universidade de Coimbra, estudando direito. Em 1843 escreveu seu famoso e renomeado poema, conhecido como “Canção do Exílio”, onde expressa a saudade e as belezas de sua terra natal.

Pertencente ao movimento romancista é patrono da cadeira número 15ª da Academia Brasileira de Letras, falecendo em 1864 com 41 anos no navio Ville de Boulogne que, naufragou na costa brasileira.

“Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar sozinho, à noite Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que disfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.”(PRIMEIROS CANTOS- CANÇÃO DE EXÍLIO 1846-GONÇALVES DIAS).

De acordo com o seu mais conhecido poema, Gonçalves Dias expressa à saudade que possui de sua terra natal, comparando as belezas do Brasil que não existem em Portugal. O autor deseja poder retornar ao país, para prestigiar suas belezas e o canto do sabiá, porém devido a sua saúde debilitada não conseguiu se salvar do naufrágio e faleceu. Sua obra poética, lírica ou épica, enquadrou-se na temática “afro”, isto é, de incorporação dos assuntos e paisagens brasileiros na literatura nacional, fazendo-a voltar-se para a terra natal, marcando assim a nossa independência em relação a Portugal. Ao lado da natureza local, recorreu aos temas em torno do indígena, o homem americano primitivo, tomado como o modelo de brasileiro.

4.4 Maria Firmino dos Reis

Negra, nascida em 11 de março de 1822 na cidade de São Luís- Maranhão era filha de mãe branca e pai negro. Era prima de um escritor maranhense chamado Francisco Sotero dos Reis (jornalista e poeta) por parte de sua mãe. Foi registrada como bastarda e em 1830 mudou-se para a vila São José de Guimarães.

Como não possuía uma residência própria, viveu grande parte de sua vida com sua tia materna, a qual detinha um poder econômico considerado elevado na época. Na fase adulta conseguiu ser aprovada na Instrução Primária, exercendo a profissão de professora nos anos de 1847 a 1881.

Maria Firmino enfrentou preconceito por ser negra, porém não permitiu ser abalada, publicando em 1859, o famoso romance *Úrsula*, a qual calou a boca da sociedade preconceituosa, tornando-se a primeira mulher brasileira a produzir um romance abolicionista do Brasil. No ano de 1887, outra obra foi lançada, intitulada “*A Escrava*”, publicando em 1871 uma coletânea de poesias denominadas *Cantos a Beira- Mar*.

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma — branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que muda mente se afoagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem [...].(ÚRSULA CAP 1- DUAS ALMAS GENEROSAS, p.3- MARIA FIRMINO).

Segundo um trecho retirado do livro *Úrsula* de Maria Firmino, a autora busca retratar através da obra o ponto de vista dos escravos sobre a escravidão. Por ter exercido a profissão de professora, fundou-se uma escola gratuita mista em que, meninos e meninas poderiam frequentar a escola juntos, causando uma enorme polêmica no povoado de Maçarico em Guimarães por volta de 1880, por este motivo a instituição de ensino fechou as portas em menos de três anos.

Em meio às dificuldades da época, Maria Firmino conseguiu se destacar por suas produções em livros e jornais, falecendo em 11 de novembro de 1917.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho, em que a pesquisa esta embasada consiste em ajuizar os alicerces teóricos catalogados aos fundamentos da literatura afro-brasileira, procurando avaliar subsídios referentes à proposta temática. Avaliando os aspectos desta com suas contribuições para a construção do conhecimento referentes a autores e obras literárias pertencentes ao acervo brasileiro. Bem como corroborar particularidades descritivas, pois o mesmo tem o mérito de ponderar a aplicabilidade da literatura na em sala de aula. Seguido da aplicação de questionário para os docentes e discentes, contendo dez perguntas cada.

A abordagem deste trabalho utiliza-se métodos qualitativos, todavia não afastará caráter de técnicas quantitativas que subsidiarão expressivamente para as consolidações do mesmo.

A pesquisa declara-se abertamente alicerçada por fontes bibliográficas que tem como alvo contribuições e fundamentações a partir de materiais anteriormente organizados, admitindo assim máxima evidenciam ao tema abordado.

Sobrepõe-se ao procedimento agregado um cunho descritivo, pois o mesmo proporciona como artifício de análise a temática. Vale-se de técnicas uniformizadas de coletas de dados, o que irá atuar como ferramenta de classificação e reflexão da pratica da lei.

Transformar as bases de ensino já sedimentada no nosso país não é uma tarefa simples, é um trabalho que deve ser feito paulatinamente nas salas de aulas de cada escola do Brasil. Cada educador precisa sentir-se apto a revolucionar seus planos de aula, suas técnicas (metodologia) e superar as barreiras burocráticas das grades curriculares.

Findando, este trabalho prevalece-se de fundamentações direcionadas a procedimentos metodológicos de estilo catalogados em investigação de campo, ou seja, depara-se dentro dos solidifica-se em livros, artigos e documentos, permitindo uma emersão de informações teóricas.

A instituição de ensino escolhida foi a Escola Wady Fiquene (CAIC), sendo esta de ensino médio, com alunos do 1º ano a qual foi aplicado um questionário entre os 20 discentes e docentes pertencentes à instituição de ensino. Os resultados serão apresentados em forma de gráficos percentuais.

5.1 Análises dos dados

Os dados colhidos serão expostos através de gráficos percentuais, os quais demonstrarão a porcentagem de forma quantitativa representando, as informações adquiridas de modo claro e objetivo, auxiliando os leitores no entendimento e compreensão das informações. Em seguida, os dados coletados em jornais, revistas ou expostos pelo Governo através de sites serão utilizados como método comparativo, dessa maneira será possível analisar as informações e confrontar com as estatísticas.

5.2 Aplicabilidade da Proposta

A escola escolhida como referencia foi uma instituição pública (que leciona o ensino médio). Contou-se ao total com uma turma de 20 alunos pertencentes ao 1º ano do ensino médio e dez professores especializados na área. Toda pesquisa possuiu o apoio da orientadora, Katiana Oliveira, bem como a colaboração do Regente da Turma Professor Nicolau Pereira e dos alunos e professores do quadro.

Aplicada em 27/10/2017 às 14hs e 30 min, as pessoas envolvidas foram questionadas, as quais puderam expressar sua opinião livremente. Outro ponto importante da pesquisa foi poder ver o olhar dos alunos e professores sobre o assunto, que embora concordassem ou discordassem de algumas respostas admitiram que a educação brasileira ainda fosse precária.

Contudo ao fim da entrega do questionário, alguns alunos se mostraram curiosos sobre o motivo pelo qual tal atividade estava sendo realizada. Os graduandos responderam a dúvida atendendo as expectativas dos discentes e puderam conversar um pouco mais sobre o assunto com os mesmos.

6 RECURSO PARA O ACESSO AO CONHECIMENTO

6.1 Conhecimentos extraclasses

Faz-se necessário uma forma de captar e apreender a atenção dos discentes instigando-os a abrir o leque de conhecimento em relação à cultura afro, fazendo-os perceber a importância dessa cultura para a formação do povo brasileiro. Desta forma percebe-se a necessidade do interesse por parte dos docentes na organização de repasse do conhecimento para além da sala de aula, levando-os diretamente as comunidades e associações quilombolas para que vejam não só na teoria, mas na prática as manifestações culturais afrodescendentes.

Nos grupos formados com objetivos educacionais, a interação deverá estar sempre provocando uma influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, o que me permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através da troca de conhecimentos, sentimentos e emoções dos outros alunos. (Veiga, 2000, p.105).

As atividades práticas escolares desenvolvidas em espaços não-formais recebem diferentes denominações que podem variar de acordo com a sua natureza, mas que têm em comum a sua execução em um ambiente não escolar. Incluem-se aí aulas de campo, visitas externas, excursões, visitas orientadas e passeios. No que tange à literatura afro-brasileira como área específica da educação, já existe uma ideia paradigmática bastante consolidada que é a propagação da mesma.

Nesta área, observam-se duas vertentes, a da educação sistemática formal e a da educação assistemática não-formal. A educação formal é aquela que ocorre em espaços escolares, os espaços formais de educação, ou de ações derivadas de propostas pedagógicas escolares, estando inserida no planejamento político pedagógico de uma escola. Já a educação assistemática ou empírica é a que ocorre fora das escolas, nos espaços não formais de educação, e é qualquer manifestação e/ou ação educacional que não esteja ligada a processos escolares, considerando aqui, como processos escolares, ações ligadas direta ou indiretamente a trabalhos e/ou atividades escolares.

6.2 Bibliotecas públicas ou escolares

Iniciaremos este tópico ressaltando o papel da biblioteca para a comunidade escolar, pois esta possui uma extensa função educacional, quando empregada de forma correta, sendo essencial para o progresso do acesso ao conhecimento e, portanto, melhorando a atuação dos cidadãos que buscam as ações por meio dos profissionais da educação, que utilizam o espaço das bibliotecas públicas como fonte potencial de melhoria ao acesso da leitura e suas possibilidades para o educando.

As bibliotecas estão caindo no esquecimento por parte dos educandos e do poder público, atualmente tem-se considerado este espaço apenas como um local reservado para os livros, diminuindo quaisquer expectativas como ferramenta educativa. Esta situação também pode ser atribuída ao fato de que as bibliotecas públicas foram construídas há muitos anos atrás e que nem todas acompanham a evolução das gerações, têm em sua estrutura física condições precárias, o que requer manutenção. Dentre os motivos como: os acervos arcaicos, falta de profissionais, recursos atualizados... E isso também pode ser notado nas bibliotecas escolares o que dificulta o acesso e permanência do educando na construção do conhecimento.

As bibliotecas têm funções que perpassam pela construção da identidade cultural, haja vista que fornece subsídios para a consciência crítica do educando, elas tem uma carga enorme na hegemonia do saber, onde o mundo alavanca mudanças rápidas.

O que vemos com frequência atualmente é, em lugar de formar leitores e de incentivar a leitura, a escola, através de seus professores, de seus programas e de seus métodos, agir exatamente em sentido contrário, matando paulatinamente todo o potencial de leitura do mundo e da palavra que jovens trazem para o contexto escolar. Em verdade, os próprios professores, devido ao processo de opressão que caiu sobre eles, transformaram-se em não-leitores, apresentando um baixíssimo repertório literário. Como, então, ensinar leitura através de um professor sem entusiasmo e sem repertório de leitura? (SILVA, 1993, p. 38).

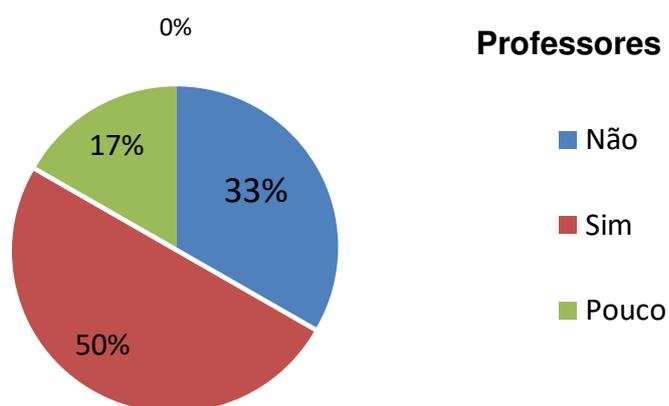
Neste contexto há a participação essencial do professor, projetando seus planos de aula para que o aluno seja estimulado a buscar informações no processo de filtração e aquisição do conhecimento, ofertando-os um leque de recursos que propiciem o hábito e prazer pela leitura.

7 PESQUISA APLICADA NA ESCOLA CAIC COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO SOBRE O USO DE POEMAS DE AUTORES AFRODESCENDENTE

A pesquisa realizada na escola de Ensino Médio (CAIC) na cidade de Itapecuru Mirim MA sobre o conhecimento dos alunos em relação aos poemas de autores afrodescendentes mostrou que, os mesmos não conhecem a respeito do assunto, mesmo havendo Leis que obrigam o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e particulares. Os dados abaixo trazem informações sobre a pesquisa realizada.

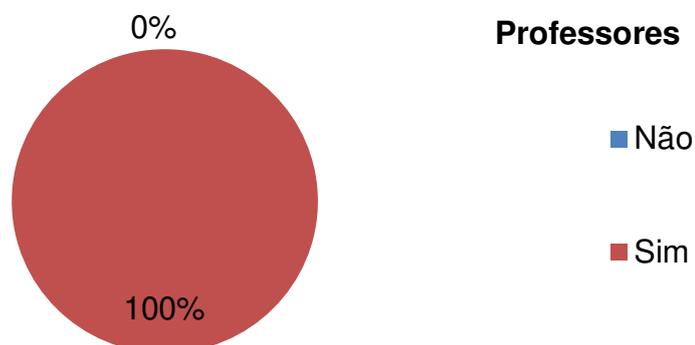
7.1 GRÁFICOS DE DADOS

7.1.1 Você conhece a lei nº 10.639/03, que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira?



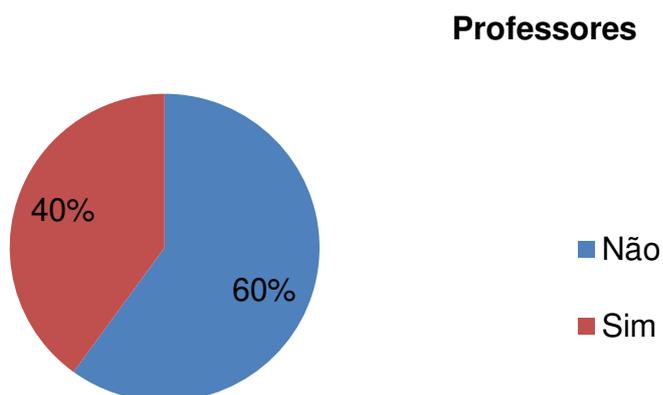
Com relação aos professores, alguns estão cientes sobre a Lei (50%), outros não conhecem (33%) e quando conhecem as informações são poucas contabilizando 17%. Os docentes afirmam que a ausência e o despreparo para tal tema esta na falta de treinamento ofertado pelo estado e município, pois, quando estão na academia em licenciatura poucos conteúdos são abordados em relação ao assunto.

7.1.2 Você já ouviu a expressão “literatura afro-brasileira” ou “literatura negra”?



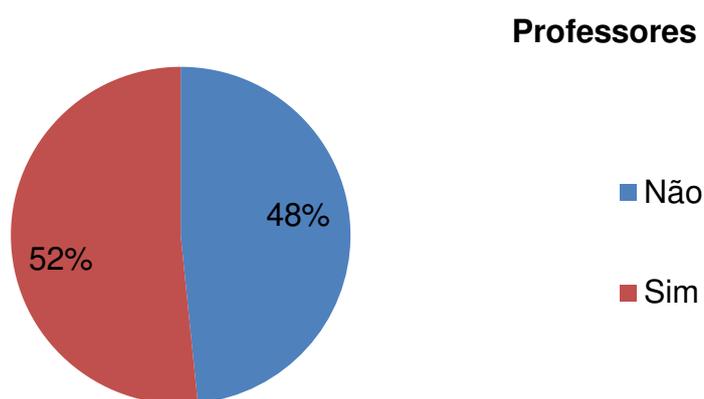
Todos os professores entrevistados afirmaram que, já ouviram falar sobre os termos, literatura afro-brasileira ou literatura- negra, através de livros didáticos atualizados. Com o passar dos anos e a constante mudança da sociedade, o povo brasileiro percebeu a importância de relatar cada vez mais as contribuições que os negros trouxeram para o país. Os livros atualizados com conteúdos que abordam temas como a trajetória do negro no Brasil, preconceito, racismo, historia e costumes podem ser acessados tanto em bibliotecas públicas como em forma de download, dessa maneira alunos e professores poderão acessar e compartilhar o conteúdo de qualquer parte do mundo.

7.1.3 Você conhece alguma obra afro-brasileira?



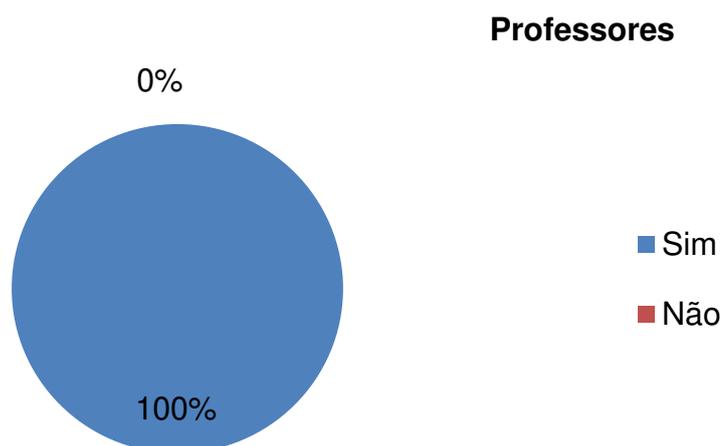
Assim como os alunos, a maioria dos professores entrevistados (60%) não conhece alguma obra de autor afrodescendente, porém nomes renomeados como Gonçalves Dias ou Aluísio de Azevedo estão presentes na literatura. A falta de capacitação prejudica os profissionais que não sabem como e o que repassar aos seus alunos o referente conteúdo.

7.1.4 É realizado este ensino nesta instituição?



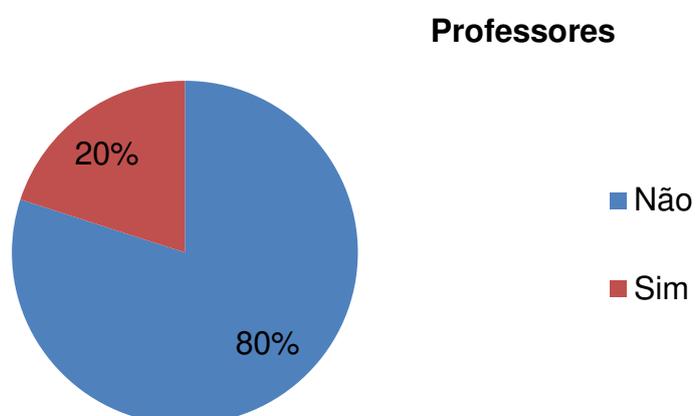
Alguns professores (52%) relataram que o ensino literário afro-brasileiro é realizado dentro da instituição de ensino de modo tímido e pouco notável. Já 48% dos entrevistados afirmam que não há nenhum tipo de ensino pertencente ao gênero. Essa situação é explicada pela comunidade negra, como uma resistência pelas escolas, a pseudo democracia racial que mascara o preconceito, as falhas na formação dos professores e até a intolerância religiosa, como mostra uma reportagem exibida em uma página da Universidade Metodista de São Paulo intitulada Rudge Ramos.

7.1.5 Há dificuldade encontrada pelo professor em lecionar a literatura afro-brasileira?



Todos os professores entrevistados concordam que existe uma dificuldade em lecionar literatura afro-brasileira, mesmo que a instituição possua materiais disponíveis. Segundo uma matéria exposta no site da UOL Educação, a primeira barreira encontrada pelos professores é que no Brasil as escolas trabalham somente dois dias do ano a questão da história e cultura afro, o dia 13 de maio e 20 de novembro. E a segunda barreira está atrelada a formação do docente, pois, os cursos superiores não abordam esta temática nas suas grades curriculares.

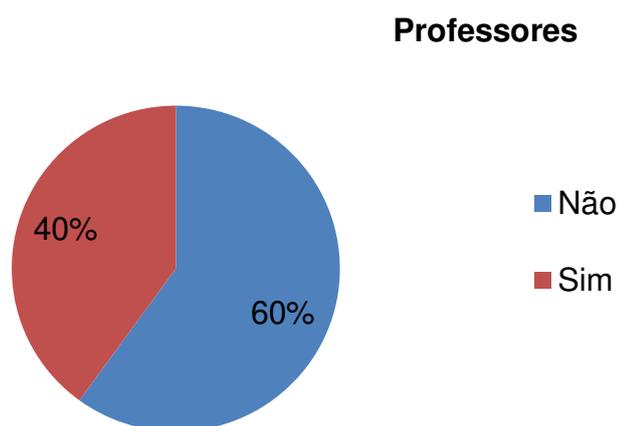
7.1.6 Existe material didático para o ensino da literatura afro-brasileira?



Assim como a maioria dos alunos responderam que não há material didático disponível, os professores também concordaram. Cerca de 80% dos professores afirmaram que não existe material didático disponível na escola ou

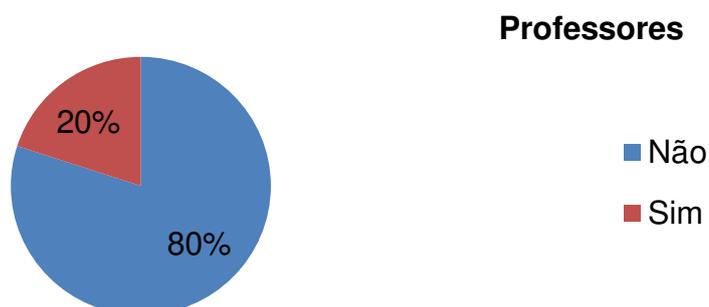
quando algum conteúdo é encontrado como modificador ou camuflado. Segundo uma matéria exposta no site R7 da Record o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira esta ignorada, restringida, estereotipada ou mesmo diminuída nos livros disponibilizados pelo MEC.

7.1.7 Há nesta instituição algum projeto voltado para o ensino da literatura afro-brasileira?



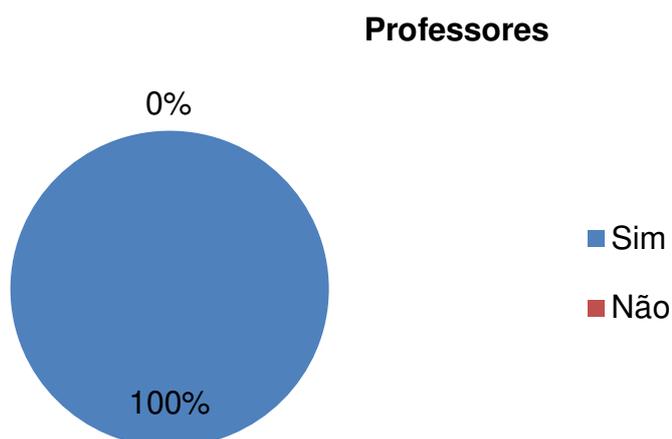
Em relação a projetos com intuito de explorar, divulgar, estudar a literatura afro-brasileira, ao contrario do que os alunos responderam alguns professores (60%) afirmam que a escola possui apenas projetos em fase de construção, outros (40%) acreditam que a escola disponibiliza esses projetos de forma discreta, aplicando individualmente nas salas.

7.1.8 Em sala de aula há interdisciplinaridade entre a literatura afro-brasileira e as outras disciplinas?



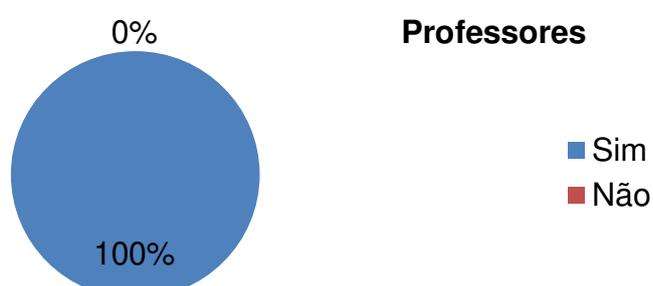
Quando se trata a respeito da interdisciplinaridade 80% dos entrevistados confirma que a literatura afro-brasileira é pouco trabalhada em sala de aula, isso acontece pelo fato de que mesmo existindo leis que exijam o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e particulares do país, a literatura nacional não é cobrada de forma intensificada nas instituições de ensino.

7.1.9 Há alguma rejeição quanto à aquisição do conhecimento no tocante a literatura afro-brasileira?



Todos os professores que participaram da pesquisa afirmaram que existe algum tipo de rejeição em relação à aprendizagem sobre literatura afro-brasileira, não só por parte dos alunos, mais também pela sociedade. Esta visível o preconceito que a sociedade ainda possui por considerar pessoas negras inferiores e isso vem se refletindo nas escolas, sendo que as Leis existem para serem cumpridas.

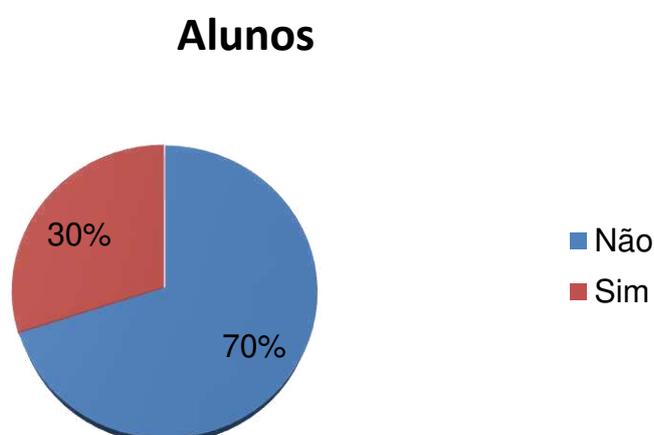
7.1.10 Existe alguma contribuição do ensino da literatura afro-brasileira na construção da identidade cultural?



Os docentes concordam que a cultura, história e literatura afro-brasileira são conteúdos importantes que devem ser preservados, estudados e passados de geração em geração, pois, a luta dos negros para alcançar a liberdade foi dolorosa e cruel. A literatura negra e afro-brasileira relata a visão do negro e dos afrodescendentes sobre uma sociedade que “comandava” no tempo da escravidão.

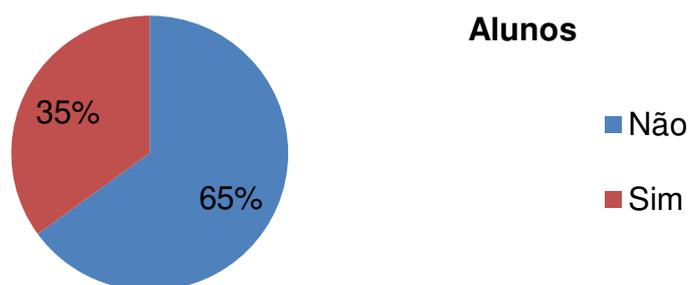
As angústias, dores, saudades e amores foram retratados em forma de texto por pessoas que muitas vezes precisavam esconder suas identidades na tentativa de pedir socorro através das palavras. A memória negra e afrodescendente precisa ser lembrada diariamente.

7.1.11 Você conhece a lei nº 10.639/03, que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira?



Com 14 anos em vigor, muitos alunos não possuem conhecimento sobre a Lei nº 10.639/03 que, obriga o ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e particulares de todo o país. Como mostra o gráfico acima, 70% da turma não possuía nenhuma informação sobre o que se tratava a Lei e por este motivo notou-se o despreparo dos estudantes em relação ao conteúdo didático.

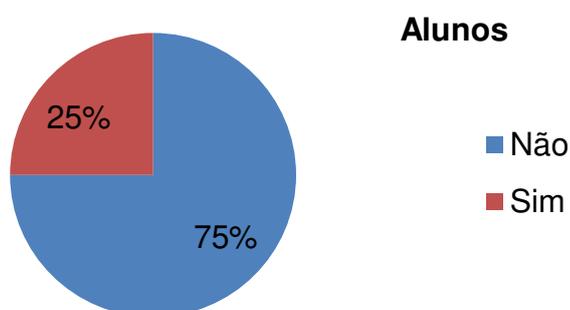
7.1.12 Você já ouviu a expressão “literatura afro-brasileira” ou “literatura negra”?



No gráfico acima, 65% dos alunos não conhecem os termos afro-brasileira ou literatura negra. Este fato está diretamente ligado à ausência de informação sobre o tema. O preconceito que existe na sociedade, embora esteja camuflado, não permite seu desenvolvimento intelectual de pensar que um negro pode criar e publicar excelentes obras literárias.

Devido à escravidão, muitos negros e afrodescendentes são vistos como “marginais”, pessoas sem valor ou cultura própria. Segundo uma matéria exposta no jornal Brasil de Fato, em 2017, a professora Petronília Gonçalves e Silva ressaltou que “É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta [disciplina] conste no plano político-pedagógico das instituições”, ou seja na visão da professora é difícil uma escola adotar em seu plano pedagógico de ensino temas relacionados a literatura afro ou negra.

7.1.13 Você conhece alguma obra afro-brasileira?



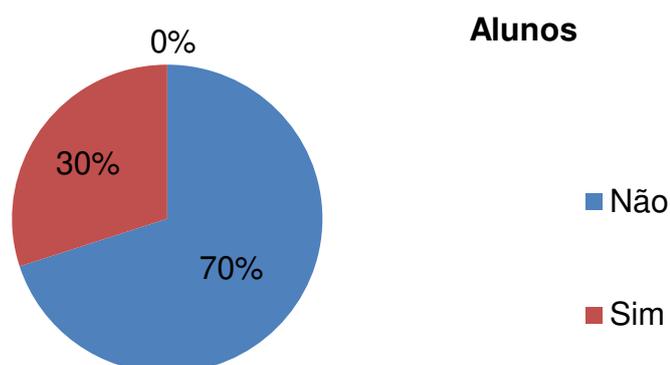
Ao retratar o número de alunos que conhece alguma obra afro-brasileira, mais da metade da turma jamais ouviu falar em um escritor afro descendente,

simplesmente desconhecem ou se já ouviram falar não foi importante o suficiente para assimilar a ideia no cérebro.

De acordo com uma matéria exposta no jornal Gazeta do Povo, a pesquisa realizada pela Retratos do Brasil, o brasileiro ler durante um ano apenas dois livros. Quando se trata de alunos, apenas 1,05% leem algum livro por iniciativa própria e 1,2% indicados pela escola. Entre os gêneros escolhido pelos estudantes que possuem hábitos de leitura, se destacam literatura, Bíblia, livros religiosos e outros gêneros.

Percebe-se claramente que, a falta de incentivo inicia-se pelos alunos que, não sentem a curiosidade de procurar conhecer um pouco da história e nem criar hábitos diários de leitura.

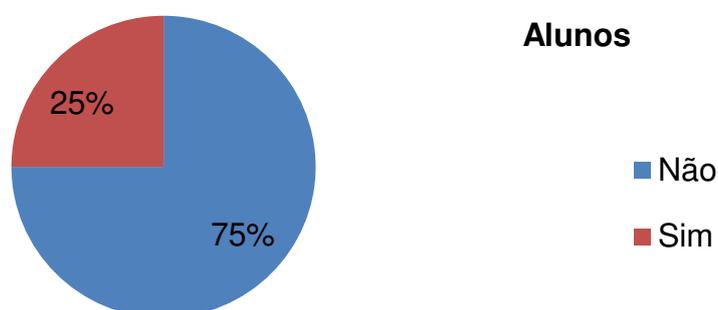
7.1.14 É realizado este ensino nesta instituição?



Ao questionar se o ensino literário afro brasileiro é aplicado dentro da sala de aula, 70% dos alunos disseram que não e 30% disseram sim. Um dos possíveis motivos para que, esta situação aconteça pode ser pela ausência de capacitação dos professores em relação ao assunto, ou seja, os educadores conhecem a Lei que obriga o ensino em sala de aula, porém não possuem uma noção de como aplicar a mesma de forma clara e objetiva.

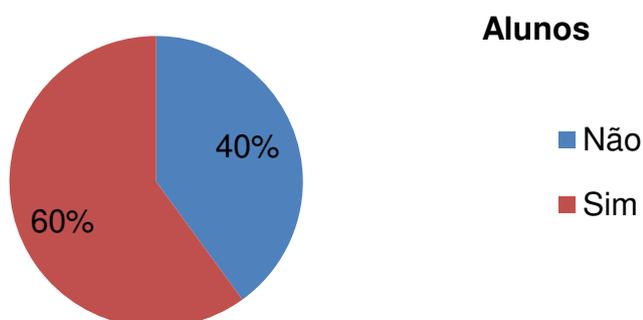
Uma matéria exposta no site G1 da Globo em 2017, aponta que estudar obras literárias ajuda na compreensão das mesmas, além de auxiliar na resolução de respostas dos vestibulares de faculdades públicas e particulares.

7.1.15 Há dificuldade encontrada pelo professor em lecionar a literatura afro-brasileira?



Ao se tratar sobre a dificuldade de lecionar a literatura afro-brasileira em sala de aula, 75% dos alunos concordam que os docentes sofrem tal obstáculo. Um dos problemas que contribuem para tal informação estar no desinteresse por parte dos alunos em relação à leitura. Muitos não possuem o hábito de ler em casa e terminam por sentir algum tipo de dificuldade em sala de aula. O jornal Gazeta do Povo através de uma pesquisa realizada comprova que os professores mais velhos não possuem conhecimento suficiente sobre literatura afro-brasileira, por não terem em sua grande curricular enquanto estudavam assuntos relacionados ao tema.

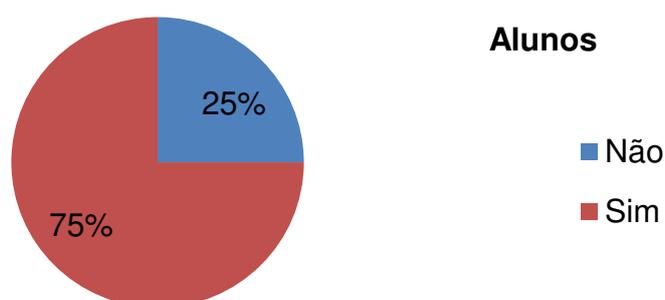
7.1.16 Existe material didático para ensino da literatura afro-brasileira?



Embora a escola “não aplique” de forma adequada o ensino da literatura em sala de aula, segundo 60% dos alunos, a instituição não possui materiais didáticos suficientes disponíveis sobre o assunto. Além do mais o MEC disponibiliza materiais online, já que, os adolescentes de hoje estão sempre conectados na rede,

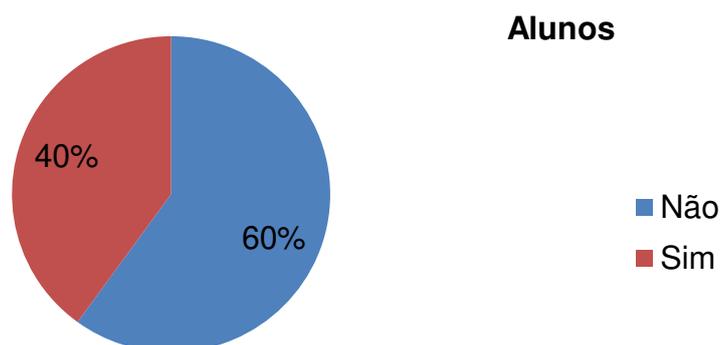
desse modo o acesso fica fácil e prático. Segundo uma reportagem no jornal “Último Segundo”, a escola detém de materiais bons para se trabalhar literatura afro-brasileira, porém os docentes não sabem como trabalhar as mesmas com os adolescentes.

7.1.17 Há nesta instituição algum projeto voltado para o ensino da literatura afro-brasileira?



A instituição de ensino apesar de não saber trabalhar a literatura afro-brasileira em sala de aula possui projetos voltados para a literatura afro-brasileira como meio de incentivar os alunos a ler. Segundo os discentes 75% dos mesmos reconhecem que a instituição de ensino se esforça para que, aprendam os conteúdos literários afros, porém o problema se concentra entre os jovens, que preferem trocar uma aula de literatura por um celular por exemplo. Os despreparos dos professores mais antigos também contribuem para a falta de interesse dos alunos em questão.

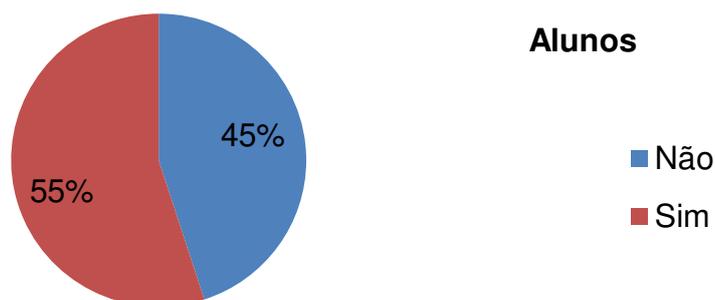
7.1.18 Em sala de aula há interdisciplinaridade entre a literatura afro-brasileira e as outras disciplinas?



Conforme as respostas dos alunos, 60% relatam que não possuem interdisciplinaridade entre as disciplinas, uma vez que, as aulas são coordenadas por horários com disciplinas distintas. O sistema brasileiro de ensino não segue o padrão de alguns países desenvolvidos em que, os alunos podem escolher as matérias que desejam cursar, podendo optar por horários e salas diferenciadas, onde ocorre a troca de informações constantes por estarem a todo o momento em um ambiente novo.

Os professores de português responsáveis por ministrar as aulas da matéria e vice versa a literatura também, deviam especificar horários em que, houvesse a junção das duas disciplinas, dessa maneira o foco permaneceria com a concentração dos alunos.

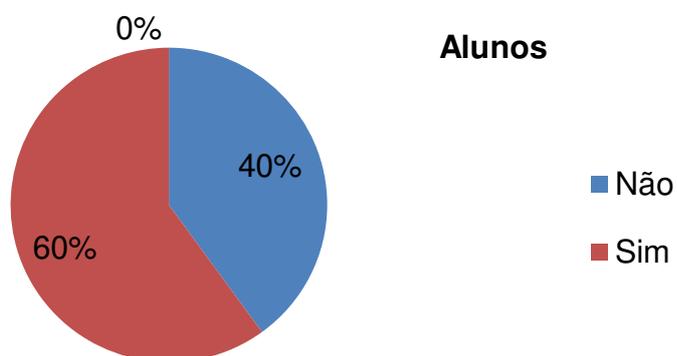
7.1.19 Há alguma rejeição quanto à aquisição do conhecimento no tocante a literatura afro-brasileira?



No quesito ao ganho de conhecimento sobre a literatura afro-brasileira, a maioria dos alunos rejeita (55%) a aquisição do conhecimento por acharem desnecessários ou o conteúdo ser um pouco “chato” como eles denominam. Por serem adolescentes muitas das vezes não possuem noção da importância que os negros e afrodescendentes obtiveram na história e construção da sociedade brasileira.

Como o estudo da história e literatura afro-brasileira se tornou obrigação nas escolas públicas e particulares do Brasil, os adolescentes costumam tratar como uma simples matéria, porém 45% da turma acreditam que o ganho de conhecimento proveniente do assunto contribuirá para sua formação futura e de seu país.

7.1.20 Existe alguma contribuição do ensino da literatura afro-brasileira na construção da identidade cultural?



Embora os alunos entrevistados não apresentem muito interesse pela literatura afro-brasileira ou querer conhecer e se aprofundar mais na história com objetivo de entender o passado, 60% da turma concordam que a literatura afro-brasileira contribui para a construção cultural do Brasil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tráfico de negros impulsionado pela escravidão trouxe consequências sérias ao povo negro. Sofrimento, dores, angústia, castigos cruéis foram apenas algumas das atrocidades vivenciadas por eles. A ganância humana superou qualquer limite ao utilizar humanos como objetos.

As riquezas provenientes de tal escravidão foram conquistadas através das mãos negras, que trabalhavam de sol a sol para satisfazer as necessidades dos senhores de fazenda. Muitos morreram na travessia do Atlântico ou desnutridos, devido às péssimas condições que viviam nas senzalas no Brasil. Lutas, movimentos, revoltas, foram geradas pelos escravos com objetivo de tentarem conseguir a liberdade, porém muitos foram sacrificados para a tal conquista chegar em 1888, como Zumbi que liderou um dos principais quilombos já conhecido, o dos Palmares.

A trajetória do negro na literatura não foi algo fácil. Inicialmente muitos utilizavam nomes falsos ou pseudônimos para poder expor suas obras. Contudo não desistiram e tão pouco deixaram se abater, construindo um legado histórico e rico formado por autores como Maria Firmino, Gonçalves Dias, Cruz e Sousa, Luís Gama entre outros.

Hoje em dia esses autores são conhecidos internacionalmente, sendo imortalizados na prestigiada Academia Brasileira de Letras e na Academia Paulista de Letras, onde suas obras podem ser reconhecidas em eventos que homenageiam a cultura e literatura afro.

A pesquisa realizada serviu para entender e compreender como os jovens de hoje se comportam em relação à literatura e sua importância. Percebeu-se uma grande falha no ensino brasileiro em relação a essa área da educação. Bem como, a necessidade de uma nova roupagem na grade curricular para que os alunos conheçam a história e literatura afro-brasileira desde muito cedo, logo nas primeiras séries, pois assim pode se haver uma disseminação e reconhecimento de autores que abordam esta temática.

REFERÊNCIAS

A História da Escravidão Negra no Brasil, disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>.

CAMILA MACIEL, Abolicionista negro que libertou mais de 500 escravos será reconhecida pela OAB, disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-10/aboliconista-negro-que-libertou-mais-de-500-escravos-sera-reconhecido-pela>.

DILVA FRAZÃO-Cruz e Sousa, disponível em: https://www.ebiografia.com/cruz_e_sousa/.

DILVA FRAZÃO, Gonçalves Dias, disponível em: https://www.ebiografia.com/goncalves_dias/.

GAZETA DO POVO- A dificuldade de ensinar temas afro-brasileiros, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-dificuldade-de-ensinar-temas-afro-brasileiros-eu2yrzrxs0sqrylqp7kp7zv4e>.

GAZETA DO POVO-BRASILEIRO- Lê, em média, dois livros por ano, indica pesquisa, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasileiro-le-em-media-dois-livros-por-ano-indica-pesquisa->.

GONÇALVES DIAS, disponível em: <https://www.todamateria.com.br/goncalves-dias/>.

G1- Prova de literatura: por que você não pode abrir mão das leituras obrigatórias, disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/especial-publicitario/etapa/etapa-vestibular-2018/noticia/prova-de-literatura-por-que-voce-nao-pode-abrir-mao-das-leituras-obrigatorias.ghtml>.

REIS, MARIA FIRMINA DOS disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Firmina_dos_Reis, acessado em 22/11/2017 às 16 hrs e 20 min; **MARIA FIRMINA DOS REIS - fragmentos de uma vida**, disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/06/maria-firmina-dos-reis.html>.

MARINA MORENA COSTA, Mau preparo de professor atrapalha ensino de literatura afro, disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/mau-preparo-de-professor-atrapalha-ensino-de-literatura-afro/n1237831259874.html>.

MIGUEL LIMA- a trajetória do negro no brasil e a importância da cultura afro, disponível

em:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_nonografia.pdf.

RAINER GONÇALVES SOUSA, Os negros no Brasil Colonial, disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/o-negro-1.htm>.

RUTE PINA, Ensino de história da África ainda não está nos planos pedagógicos, diz professora, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/>.

R7- África e cultura negra aparecem com restrições nos livros didáticos, disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/africa-e-cultura-negra-aparecem-com-restricoes-nos-livros-didaticos-22122014>.

SIMONE REZENDE DA SILVA, A trajetória do negro no Brasil e a Territorialização quilombola no ambiente florestado atlântico, disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/olhaessociais/wp-content/uploads/A-trajetoria-do-negro-no-Brasil.pdf>.

UOL EDUCAÇÃO-Ensino da cultura afro-brasileira ainda enfrenta desafios, dizem especialistas, disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/15/ensino-da-cultura-afro-brasileira-ainda-enfrenta-desafios-dizem-especialistas.htm>.

UOL EDUCAÇÃO- Luis Gama, disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/luis-gama.htm>.

ZÉLIA M. BORA, A Diáspora afro brasileira em Úrsula de Maria Firmino dos Reis, disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2433/243316413005/>, acessado em 22/11/2017 às 16 hrs e 20 min;

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO

1. Você conhece a lei nº 10639/03 que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira? Comente.
2. Você já ouviu a expressão “literatura afro-brasileira” ou “literatura negra”? Justifique
3. Você conhece alguma obra afro brasileira? Justifique.
4. É realizado este ensino nesta instituição?
5. Há dificuldade encontrada pelo professor em lecionar a literatura afro-brasileira? Discorra.
6. Existe material didático para ensino da literatura afro-brasileira? Justifique.
7. Há nesta instituição algum projeto voltado para o ensino da literatura afro-brasileira? Comente.
8. Em sala de aula há interdisciplinaridade entre a literatura afro-brasileira e as outras disciplinas? Justifique.
9. Há alguma rejeição quanto a aquisição do conhecimento no tocante a literatura afro-brasileira? Comente.
10. Existe alguma contribuição do ensino da literatura afro-brasileira na construção da identidade cultural? Comente.